

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
SISTEMA NACIONAL DE APRENDIZAGEM INDUSTRIAL - SENAI
CURSO DE TECNOLOGIA EM DESIGN DE MODA**

ANA CAROLINA ALBUQUERQUE PAIVA

**HARRY STYLES E O PADRÃO DE MASCULINIDADE: UMA ANÁLISE
DA PERSPECTIVA DE GÊNERO E VESTUÁRIO**

CRICIÚMA

2019

ANA CAROLINA ALBUQUERQUE PAIVA

**HARRY STYLES E O PADRÃO DE MASCULINIDADE: UMA ANÁLISE
DA PERSPECTIVA DE GÊNERO E VESTUÁRIO**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Tecnóloga no Curso de Design de Moda da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC/SENAI.

Orientador(a): Prof. Me. Felipe Kanarek Brunel

CRICIÚMA

2019

ANA CAROLINA ALBUQUERQUE PAIVA

**HARRY STYLES E O PADRÃO DE MASCULINIDADE: UMA
ANÁLISE DA PERSPECTIVA DE GÊNERO E VESTUÁRIO**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Tecnóloga no curso de Tecnologia em Design de Moda da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC/SENAI, com Linha de Pesquisa em cultura e historicidade – aspectos socioculturais para a moda.

Criciúma, 26 de junho de 2019.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Felipe Kanarek Brunel - Mestre - (SENAI/UNESC) - Orientador



Profa. Jadsnara Lunardi Brognara - Especialista - (SENAI/UNESC)



Profa. Maria Julia de Lima Dassoler - Mestranda - (SENAI/UNESC)

Dedicado à todos aqueles que se dispõem a
conhecer e deixam de julgar.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a quem inspirou o tema do presente trabalho, o artista Harry Styles, quem vem inspirando principalmente jovens a praticarem o ato de amar o próximo e a si mesmo. Também agradeço a todos que me apoiaram da forma mais simples até a mais drástica para que o presente trabalho fosse concluído. E agradeço acima de tudo a Deus, pois se não fosse por Ele nada disso seria possível.

“Quando alguém que milhões de pessoas se inspiram usa algo um pouco fora da norma, isso mostra à juventude que não há problema em usar o que você quer, e isso não tem que dizer que você é algo ou alguém além de a versão mais verdadeira de você.”

Harris Reed

RESUMO

Ao questionar certas definições e comportamentos sobre o papel da mulher perante a sociedade, o movimento feminista acarretou uma discussão sobre o modelo de masculinidade tradicional. Para repensar o conceito da definição de masculinidade é necessário se atentar a como o homem é moldado pela sociedade, na qual ele somente reconhece aquilo que foi treinado para ver, tornando o masculino uma espécie de campo de representação. A cultura torna-se quem determina o que o sujeito deve ou não inscrever no próprio corpo, dividindo os gêneros em definições baseadas em uma visão andocêntrica. Como uma pesquisa teórica, qualitativa, exploratória, é analisado a perspectiva de gêneros, masculinidade e vestuário através de pesquisa bibliográfica e documental. Dessa forma, o presente trabalho traz como objetivo apresentar como a definição de identidade de gênero masculino é construída e através da moda desconstruir o modelo de masculinidade tradicional. Para tanto é analisado o cantor Harry Styles como estudo de caso, na intenção de contribuir na compreensão do comportamento masculino e das definições dos conceitos de gêneros e como são aplicadas nos sujeitos.

Palavras-chave: Masculinidade; Padrã; Homem; Gêneros; Harry Styles.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Cantor e ator Harry Styles.....	15
Figura 2 - One Direction no ano de 2012	16
Figura 3 - Capa do primeiro álbum solo	19
Figura 4 - Atos femininos realizados por um homem	39
Figura 5 - Harry Styles heteronormativo.....	41
Figura 6 - O homem representado como símbolo sexual.....	45
Figura 7 - Padrão de masculinidade desconstruído	63
Figura 8 – Representação de desconstrução de masculinidade	65

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

SENAI Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

UNESC Universidade do Extremo Sul Catarinense

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 HARRY STYLES.....	14
3 CONCEITUANDO SEXO, GÊNERO E SEXUALIDADE.....	21
3.1 PERFORMATIVIDADE E PERFORMANCE	24
4 CONSTRUÇÃO SOCIAL DO MASCULINO	28
4.1 O PADRÃO DE SER MASCULINO.....	37
5 DIVISÃO DOS GÊNEROS NA MODA.....	49
6 DESCONSTRUINDO O PADRÃO MASCULINO.....	57
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	66
REFERÊNCIAS.....	68

1 INTRODUÇÃO

Dentro do cenário de evolução dos estudos feministas, a posição do homem na sociedade se torna gradativamente questionada. Em reflexo do maior interesse das mulheres em busca de igualdade entre os gêneros, a questão de como o homem se porta diante a sua posição social e ainda como essa posição se estrutura se torna mais evidente. No entanto, a discussão contemporânea sobre feminismo acarreta certas opiniões a respeito do homem que não são devidamente fundamentadas. Por isso, ainda é necessário esclarecer como a posição dominante do homem na sociedade se estrutura e em como é aplicada nos sujeitos.

Diferente do que se acredita, a masculinidade está tão estipulada quanto a feminilidade. Normas e rótulos se infiltram nos pensamentos dos sujeitos de forma tão profunda que muitas vezes não são percebidas e até podem ser consideradas normais. Assim, sem a intenção de diminuir a relevância da luta das mulheres em busca dos seus direitos, para compreender o papel dominante do homem a pesquisa tem como finalidade apresentar como os homens também podem ser considerados vítimas implícitas de uma sociedade andocêntrica.

Os homens acabam sendo dominados pela própria dominação, que se tornou tão naturalizada a ponto de causar sérias consequências quando não realizada. Por isso, tratar da posição social masculina e suas representações contribui na compreensão da definição do modelo ideal de homem e as consequências que esse modelo pode acarretar, além de contribuir academicamente para os estudos dos homens e os estudos feministas que buscam maneiras de explicar as representações de gêneros.

Partindo do cenário atual feminista e levando em consideração a maneira que o homem se posiciona diante a sociedade desde o princípio da história até era moderna, o presente trabalho tem o seguinte problema de pesquisa: como os padrões de identidade de gênero masculino podem ser desconstruídos a partir da moda?

Assim, com base nas experiências do cantor Harry Styles como objeto de observação, o objetivo geral da pesquisa consiste em: analisar o processo de desconstrução dos padrões de identidade de gênero masculino através da moda.

Portanto, é importante passar por determinadas etapas, divididas entre: a) Apresentar Harry Styles; b) Compreender as definições de sexo, gênero e sexualidade como performatividade e performance; c) Entender como o gênero masculino é

construído e quais os padrões de gênero masculino; d) Observar a influência da moda na representação dos gêneros; e) Apresentar a desconstrução do padrão de masculinidade.

O caminho que será trilhado para concretizar a pesquisa, de acordo com Gil (2008), é a metodologia utilizada para o desenvolvimento do trabalho. Trata-se de uma pesquisa teórica, visto que tem como intuito reconstruir conceitos pré-estabelecidos que envolvem o padrão de masculinidade para aprimorar fundamentos investigativos sobre a forma em que o sujeito compreende as definições de identidade de gênero. Os dados foram reunidos por meio de documentos, livros, artigos e sites confiáveis, dessa forma faz-se uso da pesquisa bibliográfica e documental. Faz-se também o uso de um estudo de caso, que se caracteriza por uma profunda busca pelo conhecimento de, neste caso em questão, Harry Styles e toda sua trajetória quanto a performance masculina. Do mesmo modo, por criar familiarização com as experiências de vida do cantor associando-as a construção e desconstrução do padrão de masculinidade, aplica-se a pesquisa exploratória. Por fim, o trabalho não tem a necessidade de identificar os dados referentes ao assunto abordado fazendo uso de números, utilizando da pesquisa qualitativa.

Como resultado de toda pesquisa o presente trabalho se estrutura em cinco capítulos. O primeiro capítulo, “Harry Styles”, trata de maneira breve a apresentação da história do cantor desde o início da carreira como artista até os dias atuais, mostrando o motivo pelo qual pode ser considerado objeto de observação na contribuição do tema abordado. Por isso, os autores selecionados neste capítulo em específico são o próprio cantor e seu ex-companheiro de banda, Harry Styles (2014) e Zayn Malik (2016), na intenção de esclarecer a realidade do artista.

Em seguida, o capítulo “Conceituando sexo, gênero e sexualidade” traz a autora Judith Butler (2003) para abordar sobre a relação entre sexo, gênero e sexualidade. Busca-se compreender o motivo pelo qual os indivíduos possuem um pensamento tão definitivo sobre a designação de sexo, gênero e sexualidade, o que torna possível analisar as divisões de gêneros apresentadas mais adiante. Com Pinto (2006), observa-se como são formadas performatividade e performance, procurando entender a influência que possuem no sujeito através de suas significações e por fim é esclarecido a razão da qual performatividade e performance são fundamentais nas representações de identidade das pessoas.

Depois de apresentar como os gêneros são formados, o terceiro capítulo,

“Construção social do masculino”, trabalha com os autores Pierre Bourdieu (2002) e em conjunto com os autores Robert W. Connell e James W. Messerschmidt (2013), com o propósito perceber o gênero masculino é formado e como a sociedade estrutura o meio de formação para que se molde de acordo com o que deseja. Tem como finalidade expor como a cultura age para que indivíduos acreditem que homens devem se representar e, do mesmo modo, compreender como essa definição dos gêneros se aplica nos sujeitos. Neste capítulo também busca entender como o padrão de masculinidade é formado e o motivo pelo qual seguir esse padrão se torna tão importante a ponto de tudo aquilo que foge desse modelo específico passa ser considerado fora do normal.

No capítulo seguinte, “Divisão dos gêneros na moda”, apresenta-se Anne Hollander (1996) e Sérgio Gomes da Silva (2006) como autores. O capítulo em questão vai realizar uma retrospectiva na história da indumentária e da moda, mostrando na história o princípio da divisão dos gêneros no vestuário e apontando os caminhos que a distinção de masculino e feminino tomaram ao longo dos séculos para que seja possível compreender o motivo pelo qual atualmente a vestimenta pode ser tão divisora. A maioria dessas distinções se mantêm firme até os dias atuais, por isso o capítulo também explica as consequências que geram no vestuário masculino e feminino.

O último capítulo, “Desconstruindo o padrão masculino” com os autores Almeida e Wajnman (2005) e Sérgio Gomes da Silva (2006), vem como continuação do capítulo anterior inicialmente tratando da questão de que o sujeito macho deve obedecer a vestimenta masculina, do mesmo modo que o sujeito fêmea deve obedecer ao vestuário feminino. Daqui pra frente, explica-se como tudo aquilo que não se encaixe ou obedeça as definições de masculino e feminino pode ser julgado pela sociedade. Traz em sua fundamentação as dificuldades em seguir um caminho fora da norma, os motivos para que o padrão de masculinidade imposto pela sociedade não deva ser necessariamente seguido e finalmente a desconstrução propriamente dita do padrão.

Através das experiências do cantor e ator Harry Styles o presente trabalho busca mostrar novas informações e conhecimentos sobre as definições de representação de identidade de gêneros masculino, abrangendo de uma visão diferente ao padrão de masculinidade já visto anteriormente.

2 HARRY STYLES

A discussão sobre identidade masculina vem ganhando força desde que o movimento feminista ¹se inicia na década de 1960. O modelo de homem ideal é colocado a prova ainda mais agora pelo homem contemporâneo que vem questionar o padrão de masculinidade. Alguns estudiosos afirmam, inclusive, que o homem atual estaria em uma espécie de crise de masculinidade, apenas pelo fato de certas pessoas levantarem dúvidas e repensarem sobre o conceito de masculino, como se para se definir homem seja necessário seguir o padrão primitivo e conservador de muito tempo atrás. Harry Styles é um exemplo do que pode ser visto como masculinidade contemporânea e de desconstrução do modelo ideal de homem, não apenas pela aparência fora do padrão masculino, mas também por sua história que passa por diversas experiências e situações em que era obrigado a se representar de acordo com as estruturas do ideal de masculinidade.

Harry Edward Styles é cantor, compositor e ator, nascido em 01 de fevereiro de 1994, atualmente com 25 anos de idade. Ele ganhou reconhecimento mundial ao se tornar membro da banda One Direction em 2010. No entanto, de acordo com o próprio Styles (2014), antes mesmo já fazia um pequeno sucesso na região de Holmes Chapel, no estado de Cheshire na Inglaterra, onde nasceu. Harry Styles iniciou como cantor na banda White Eskimo, criada com colegas de classe, e chegou a se apresentar em batalhas de banda não oficiais da cidade até decidir fazer teste para o programa The X Factor, em 2010, como artista solo. Foi logo após a eliminação da competição como cantor solo que a jurada Nicole Scherzinger sugeriu que ele e mais quatro dos eliminados da categoria de garotos fossem agrupados como uma banda, dessa forma inicia a banda One Direction. Porém, apesar de todo sucesso que o grupo estava fazendo dentro da competição, eles terminaram em terceiro lugar.

¹ O movimento feminista tem como objetivo reivindicar direitos sociais e políticos igualitários entre homens e mulheres, o qual se encontra em evolução ideológica e política, em consequência da própria história (CASSAB; OLIVEIRA, 2014).

Figura 1 - Cantor e ator Harry Styles



Fonte: Billboard²

Styles (2014) descreve que The X Factor, de certa forma, preparou o grupo e, principalmente, ele, por ser o mais jovem, para o sucesso que a banda iria conseguir logo que grava seu álbum de estreia. Trabalhar desde cedo com música os auxiliou na experiência que têm hoje como músicos. Os integrantes sempre tiveram facilidade em ouvir e tentar se adaptar às solicitações feitas pelos produtores, fato que foi questionado por alguns integrantes para o final da banda. A verdade é que, quando no início, por conta do rápido sucesso, foi normal que ficassem deslumbrados e, por isso, se sujeitassem a certas condições que depois passaram a ser questionadas.

Com a imagem da banda crescendo rapidamente, Styles (2014) relembra que ainda era uma surpresa para os garotos a quantidade e excitação de tantos fãs, mesmo antes de lançarem o single “What Makes You Beautiful”, que foi o gatilho para o sucesso da banda. Daí em diante o grupo não parava de crescer, logo após o estouro do single, eles lançaram o álbum de lançamento acompanhado de entrevistas e muitas de suas músicas emplacaram no topo das paradas de sucesso, sendo tocadas mundo a fora pelas estações de rádio.

² Disponível em: < <https://www.billboard.com/articles/news/lifestyle/8046320/harry-styles-victorias-secret-show>>. Acesso em: 19 maio. 2019.

Figura 2 - One Direction no ano de 2012



Fonte: Billboard³

Porém, foi já na primeira turnê da banda, ainda apenas pelo Reino Unido, que o cantor sentiu a pressão de se estar nos holofotes. Os garotos sempre se dedicaram para atingirem o que era esperado deles, por mais que recebessem críticas de que poderiam agir da forma que quisessem que ainda sim seriam exaltados por conta do número exagerado de fãs. Por conta de todo trabalho excessivo para o crescimento da banda, Styles (2014) comenta que ele e os demais membros da banda buscavam maneiras de se manter firme em dar seu melhor e não deixar o sucesso interferir em seu comportamento. Apesar de alguns rumores se espalharem, eles sempre mantiveram a imagem da banda muito evidente e dificilmente mal interpretada, diferentemente de quando os rumores se tratavam de cada membro separadamente.

Harry e um dos companheiros do grupo, Louis Tomlinson, tornaram-se uma espécie de foco da banda logo em sua criação no The X Factor por conta da grande aproximação que possuíam, e isso passou a se tornar um grande foco de rumores. Os fãs, mostrando um interesse exorbitante na relação entre os dois, se dividiam entre os que apreciavam essa aproximação e os que reprovavam. Os dois lados passaram a criar inúmeras teorias para estipular que tipo de relação seria. Esses rumores questionavam a sexualidade e a identidade de gênero de Harry Styles. Em uma determinada ocasião uma fã chegou a perguntar diretamente aos dois garotos se

³ Disponível em: < <https://www.billboard.com/articles/photos/live/492534/one-direction-live-shriek-show-in-australia>>. Acesso em: 19 maio. 2019.

estavam juntos como casal, em que Harry responde com um simples “sim” em um vídeo feito em 2011. Esses rumores e a grande aproximação entre Harry e Louis passou a se tornar um problema para a banda. Com o crescimento da banda, era necessário manter uma imagem de garotos que fosse atraente ao público predominante da banda: meninas adolescentes. A preocupação com a imagem se tornou ainda mais forte, dessa forma, por mais que grande parte dos fãs realmente apoiasse, não era bem visto um casal de homens *gays* como sucesso mundial entre meninas.

Em resposta a esse grande rumor que dava conta da sexualidade de Harry Styles outros diversos rumores passaram a ser associados a ele. Uma muito importante dá conta de que Harry Styles, ainda com 16 anos de idade, passou a ser associado a uma imagem de ‘mulherengo’. Essa imagem é alimentada pela produção da banda que precisava fazer com que os rumores sobre a sexualidade de seus componentes fossem esquecidos. A estratégia teve efeito contrário na medida em que os fãs passaram a criar verdadeiras teorias conspiratórias acerca de Louis e sua relação amorosa com uma garota e passaram a questionar se não haveria interferência da produção da banda na definição da imagem que os garotos deveriam passar. Esses rumores acompanharam toda a carreira do grupo ganhando cada vez mais força, por conta do comportamento dos garotos quando se trata do assunto. (WOTTON, 2017).

One Direction, na visão de Styles (2014), tornou-se um grande sucesso principalmente por causa dos fãs, que sempre mantiveram uma relação especial com o grupo por desejarem, acima de tudo, a felicidade de seus ídolos. Dessa forma, ele se dedicou inteiramente para que a banda tivesse todo o reconhecimento que teve durante sua existência. No entanto, ele reconhece que o sucesso trouxe diversos problemas tanto para a imagem do grupo quanto para seus membros. O fato de se tornarem mundialmente conhecidos causou pressão excessiva nos garotos, associada ao cansaço de muito trabalho que trouxe problemas de saúde comuns entre celebridades, como a depressão, ataques de ansiedade e pânico e distúrbios alimentares. Especialmente por conta da imagem que deveriam passar, estar em evidência já não era mais irrelevante e começou a prejudicá-los.

Em 2015 houve um dos membros do grupo, Zayn Malik, decidiu se separar da banda por não estar mais em condições de seguir adiante. Malik (2016) conta que já não se sentia mais como parte da banda por conta de seu estilo de música diferente,

mas que tomou a decisão de sair essencialmente pelo que o grupo passava. Ele revelou que os componentes tinham proibições em diversos aspectos da vida, até mesmo em questões aparentemente banais como não poder deixar a barba crescer demais. Essas proibições teriam acarretado em Malik sérios problemas de saúde que interferiam na maneira de se expressar e no comportamento do cantor.

No final do mesmo ano, como Thompson (2017) apresenta, a banda anuncia uma pausa na carreira revelando em entrevistas estarem precisando de um longo descanso em consequência dos cinco anos de sucesso. Apesar de confirmarem uma pausa de dezoito meses, passaram-se dois anos até que o primeiro membro do grupo anunciasse sua carreira solo: Niall Horan, logo ele foi seguido pelos demais. Suas carreiras solos tiveram grande impacto por conta de toda fama que ainda carregam por causa da banda.

Por conta da imagem mais viril que era obrigado transparecer, Wotton (2017) descreve que houveram diversas críticas quando Harry passou a ousar em seu estilo, ainda enquanto fazia parte da banda, em eventos importantes e premiações. Com o início da carreira solo em 2017, logo após o descanso, ele passou a tratar da própria imagem com mais liberdade. Agora, sem a necessidade de comprovar uma imagem de estereótipo de símbolo sexual masculino para meninas, afinal seus fãs amadureceram em conjunto ao cantor, ele, aos poucos, foi introduzindo um comportamento que era reprimido dentro da banda e que agora seria exposto para o público. O artista, assim como seus companheiros de grupo, revelou em entrevistas, logo depois da pausa da banda, que existiam proibições que atingiam diretamente e essencialmente sua forma de se comportar. Era notável que Harry sempre teve mais traços de comportamento associados ao feminino quando comparado aos outros garotos, desde suas roupas até a forma de sentar. Os integrantes revelaram também existir sérias discussões por conta dos interesses femininos de Harry, os quais afirmam que isso interferiu na autoestima do cantor, colocando em questão a confiança em si mesmo.

Harry Styles usou seu primeiro álbum solo como forma de renascimento, como mostra Sherman (2017), trazendo sua essência já na capa. Styles afirma que esse álbum é o mais honesto possível para que seu público o conheça ainda melhor e mais intimamente. Ele recebeu muitas críticas positivas, apesar de muitos ainda se negarem a vê-lo como o homem feminino *queer* que se define. A capa do álbum pode ser vista na figura 3, abaixo.

Figura 3 - Capa do primeiro álbum solo



Fonte: Billboard⁴

Apesar de se mostrar mais honesto agora em carreira solo, é inevitável que rumores deixem de existir, predominantemente aqueles que se referem a relacionamentos amorosos, como um reflexo da imagem de mulherengo implantada no tempo de banda. Além disso, permanece a teoria de que ele mantém um relacionamento sério não assumido publicamente com Louis Tomlinson, ainda mais forte por causa das letras das músicas de seu álbum e certos acontecimentos ocorridos durante a turnê. Porém, como aponta Pike (2018), todos esses rumores acabaram por contribuir para que a história do cantor inspirasse muitas pessoas que se encontram da mesma forma inseguras consigo para se mostrarem em realidade para o mundo. Ele contribui de maneira implícita na vida de muitos ao se portar de maneira livre, que inicialmente não é bem vista, mas que logo percebe-se não interferir de forma alguma em seu caráter.

Principalmente pela forma que seu comportamento quebra padrões de masculinidade, sua influência ajuda essencialmente na questão de autoestima ao ajudar não apenas seus fãs, mas muitas outras pessoas a perceberem que podem se expressar livremente sem que seja necessário se importar com a opinião alheia. Sobretudo, Harry contribui para a desconstrução do ideal masculino através da moda. Com o passar dos anos e com a conquista de mais liberdade é possível notar a forma

⁴ Disponível em: < <https://www.billboard.com/articles/columns/pop/7760476/harry-styles-solo-album-artwork-analysis>>. Acesso em: 07 maio. 2019.

que o cantor se comporta e até mesmo comenta mais abertamente sobre questões como moda e autoestima.

Torna evidente a evolução do adolescente inseguro sobre a opinião alheia para o homem confiante consigo para vestir-se e comportar-se da forma que o agrada. Ele mesmo comenta que em sua opinião a moda é uma maneira de se expressar, por isso não existem razões para que as pessoas se prendam a divisões tão banais quanto as de gêneros. Harry acredita que moda não tem gênero, por isso não existem motivos para que as divisões sexuais serem consideradas tão relevantes quando isso afeta sua autoestima de maneira tão drástica que pode prejudicar a saúde, não só mental como física, apenas para tentar se encaixar com padrão de vida comum entre a maioria, mesmo que isso não lhe faça bem. Desse modo, Harry Styles é usado como objeto de observação para discutir a desconstrução do padrão de identidade de gênero masculino, no decorrer de todo o trabalho.

3 CONCEITUANDO SEXO, GÊNERO E SEXUALIDADE

Antes de analisar como o gênero masculino se define, é preciso entender como os gêneros se estruturam e porque são tão divididos. As distinções entre os gêneros têm seu princípio muito antes do que é possível perceber, muitos estudos sobre identidade e representação de gênero começaram a surgir a partir da década de 1960 com intuito de buscar afirmações que justificassem os questionamentos levantados sobre gênero e sexualidade na época, mostrando como já existe interferência da sociedade sobre os sujeitos antes mesmo do nascimento. Butler (2003) tem grande influência para esses estudos e aponta que, apesar de serem frequentemente citadas, a noção e a formação dos sujeitos, para que se tenha uma solidez na questão de construção de identidade, são necessárias para compreender a diferença entre gênero e sexo. Originalmente pesquisada para questionar a ideia de que a biologia é o que estabelece o gênero, a diferença entre sexo e gênero atende a ideia de que por mais que o sexo pareça inalterável biologicamente, o gênero é construído socialmente. Visto assim, o gênero não é uma extensão do sexo e nem se apresenta de forma aparentemente fixa, como o sexo. “Assim, a unidade do sujeito já é potencialmente contestada pela distinção que abre espaço ao gênero como interpretação múltipla do sexo” (BUTLER, 2003, p. 24).

Então, ainda que o gênero seja atribuído culturalmente pelo corpo sexuado, não se pode assumir que ele seja uma continuidade do sexo. Por isso a diferenciação entre gênero e sexo propõe uma descontinuidade entre o corpo sexuado e gênero construído culturalmente. Supondo a estabilidade do sexo binário, isso não significa que a construção de homens se aplica apenas em corpos com pênis ou que mulheres sejam construídas somente em corpos com vagina. Além disso, mesmo que os sexos sejam necessariamente binários em sua constituição, não existem motivos para supor que os gêneros sejam igualmente binários. A hipótese de que o gênero seja binário, de certa forma, confirma a relação entre gênero e sexo, onde “o gênero reflete o sexo ou é por ele restrito” (BUTLER, 2003, p.24). Quando se entende o gênero como independente do sexo, pode-se pensar no gênero como algo intrinsecamente indeterminado. Desta forma, “homem” e “masculino” podem pertencer igualmente a um corpo com vagina ou um corpo com pênis. Da mesma forma que “mulher” e “feminino” podem pertencer a um corpo com pênis ou com vagina.

Se o sexo é, ele próprio, uma categoria tomada em seu gênero, não faz sentido definir gênero como a interpretação cultural do sexo. O gênero não deve ser meramente concebido como inscrição cultural de significado num sexo previamente dado (uma concepção jurídica); tem de designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos. (BUTLER, 2003, p. 25).

A autora também assume que o gênero não depende, passivamente, da cultura como o sexo depende da natureza, “ele também é o meio discursivo cultural pelo qual ‘a natureza sexuada’ ou ‘um sexo natural’ é produzido e estabelecido como ‘pré-discursivo’, anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra *sobre a qual age a cultura*” (BUTLER, 2003, p.25). Por isso, entende-se que colocar a dualidade do sexo como pré-discursiva é uma forma de controlar as estruturas binárias, as assegurando eficientemente. Tratar o sexo como pré-discursivo é na verdade uma forma de preparação para como o gênero é entendido.

Butler (2003) ainda comenta que, em algumas explicações, é possível visualizar o gênero como construído culturalmente e permite a interpretação da existência de uma certa causalidade dos significados do gênero, como se os corpos biológicos fossem passivos ao que lhes for culturalmente estabelecido. Então, quando a “cultura” dominante que “cria” o gênero o molda a partir do modelo ideal de gênero, binário e heterossexual, se tem a impressão de que o gênero é tão fixo quanto o sexo, pois a cultura que determina qual gênero é o correto ou não.

Barnard (2003) contribui para o pensamento quando argumenta que a sociedade ainda determina o que pertence a cada gênero, interferindo ainda mais na performance dos corpos, o que resulta em uma controvérsia ainda maior entre os gêneros, a qual o indivíduo entendido como macho deve se comportar de maneira masculina e o indivíduo visto como fêmea deve se comportar de forma feminina, jamais se portando de maneira contrária ao próprio gênero.

Harry Styles, por exemplo, mesmo se classificando como homem, compartilha de características vistas como femininas. Em outras palavras, possuir o gênero masculino não torna o sujeito masculino necessariamente. Dessa forma, de acordo com seu ex-companheiro de banda, Malik (2016), pela obrigação que o homem carrega de se representar de modo masculino, ainda no período de banda, Harry tinha o dever de se comportar de acordo com o que é esperado de um homem pela sociedade. Acarretando em uma performance diferente da realidade do cantor, a imagem do estereótipo de menino adolescente famoso mulherengo era retratada e

representada pelo artista mesmo que contra sua vontade.

Butler (2003) afirma que a construção do gênero está sempre sob uma obrigação cultural. Essa obrigação claramente não vem do sexo, já que não existe garantia de que a pessoa se torne homem simplesmente por ser macho. Mesmo assim, não há um corpo que já não esteja sendo interpretado por meio de significados culturais, resultando em um gênero já estabelecido desde o princípio, mesmo que o sexo seja um conjunto de fatos anatômicos pré-discursivos.

A autora ainda sugere que exista uma controvérsia no significado de “construção”, dividida entre livre-arbítrio e determinismo, o que cria a ideia de que algumas restrições linguísticas de acordo ao pensamento binário tanto estruturam como delimitam os termos em questão. Nos extremos desses termos entende-se que “o corpo é representado como um mero *instrumento* ou *meio* com o qual um conjunto de significados culturais é apenas externamente relacionado” (BUTLER, 2003, p.27). Porém, o corpo acaba sendo por si só uma construção, já que é nele em que se transmite as definições de gênero, conseqüentemente as pessoas passam a ver os corpos sem uma existência significativa antes da formação do gênero. Entretanto, o que a autora traz é que entender sexo e o corpo sexuado como efeitos discursivos não quer dizer que se deve negar a existência deles, mas sim considerar a materialidade e sua significação cultural como inseparavelmente postas uma sobre a outra.

Alguns feministas afirmam que gênero passa a ser “um conjunto de relações, e não um atributo individual” (BUTLER, 2003, p.28). As concepções dos estudos humanistas tendem a definir uma pessoa como portadora de vários atributos essenciais e não essenciais. A posição feminista humanista entende o gênero como um atributo do sujeito, este que é caracterizado principalmente como um hospedeiro de um gênero já estabelecido. Utiliza-se como partida uma teoria social de gênero, que apresenta a concepção universal das pessoas descrita pelas posições históricas ou antropológicas que entendem gênero como uma ligação com pessoa socialmente construída, em contextos específicos. Esse pensamento dispõe da ideia de que o que a pessoa “é” atende às relações criadas em que ela é exposta. Como fato variável e contextual, o gênero não determina uma pessoa relativa, mas sim um ponto de ligação entre conjuntos específicos de relações, cultural e historicamente comuns.

Se o sexo e gênero são fixos ou não, é resultado de um discurso que se diz estabelecer

certos limites à análise ou salvaguardar certos dogmas do humanismo como um pressuposto de qualquer análise do gênero. A posição de intratabilidade, tanto na noção de sexo como na de gênero, bem como no próprio significado da noção de construção, fornece indicações sobre as possibilidades culturais que podem ou não podem ser mobilizadas por meio de quaisquer análises posteriores. Os limites da análise discursiva do gênero pressupõem e definem por antecipação as possibilidades das configurações imagináveis e realizáveis do gênero na cultura. Isso não quer dizer que toda e qualquer possibilidade de gênero seja aceita, mas que as fronteiras analíticas sugerem os limites de uma experiência discursivamente condicionada. (BUTLER, 2003, p.28).

Esses limites se estabelecem sempre em um discurso cultural dominante, se baseando em termos binários que se mostram como a linguagem correta universal. Assim, há uma repressão introduzida naquilo que a linguagem entende como o domínio imaginável do gênero, criando limites nas representações de cada gênero.

3.1 PERFORMATIVIDADE E PERFORMANCE

Divididos socialmente, os gêneros passam a possuir modelos de representações que são estabelecidos como corretas. A forma em que os indivíduos se representam tanto para si mesmos quanto para o mundo externo está relacionada a sua identidade. Considerando o pensamento de Pinto (2006), nos últimos dois séculos o termo “identidade” vem se firmando como um padrão de definição do sujeito. Em certo ponto já avançado da vida social e psíquica, o sujeito seria visto como estabilizado e assim se tornaria uma fração que representaria certo estilo de vida social e psíquica. Essa fração representativa é sempre referida por meio de um sintagma nominal que é definido conforme o molde de quem se refere, ou seja, existe um grupo de sujeitos que representam “os escritores”, por exemplo. A principal característica desse conceito é que o grupo de sujeitos referidos pelo sintagma nominal é pressuposto por quem o utiliza, portanto quem se refere a esses “escritores” assume que este grupo de pessoas tenha uma vida social e psíquica em comum, definindo assim sua identidade.

A autora sugere que conceituando a identidade de forma tradicional nota-se que ela é relacionada com um ponto de vista representacionista e essencialista das formas de relações sociais, ou seja, “[...] as pessoas representariam, pois as teriam incorporadas em essência, suas classes, suas raças, suas religiões, etc” (PINTO, 2006, p. 13), daí a suposição de que exista grupos de pessoas constantes e comuns que representam uma certa identidade.

Pinto (2006) também descreve que a linguagem é fundamental para que um conjunto de atos determine identidades, pois os atos que não são linguísticos que pressupõem o sujeito são também repetidas na ação de fala de quem a descreve, quando descrita. Por isso, “a linguagem não reflete o lugar social de quem fala, mas faz parte desse lugar” (PINTO, 2006, p. 16). Logo, assume-se que a identidade está ligada a linguagem, já que falantes constantemente marcam suas identidades, fazendo o uso do “eu” e o “nós” para afirmar a identidade, pois não seria possível esta existir fora das ações de fala que as afirmam.

Apontado como fundamental para as marcações de identidade pela a autora, o gênero é conhecido na linguística como “uma categoria morfológica de classificação” (PINTO, 2006, p. 17). Se levado em consideração a ideia de que existem representações sociais do feminino e do masculino, percebe-se que essas mesmas representações são uma das estilizações impostas ao corpo, uma união de ações de fala que motivam uma marca ao corpo, chamada marca de gênero. Bravo (2015) complementa dizendo que a identidade fica comprometida, pois a marca de gênero é uma construção já moldada onde caracteriza a identidade de gênero baseando-se nas normas do patriarcalismo.

Considerando o patriarcalismo como uma agência constitutiva e regulatória da moralidade, sexualidade, religiosidade, entre outros, os sinais simbólicos são camuflados através da linguagem, da interpretação e da visibilidade enquanto sujeito-cidadão. (BRAVO, 2015, p.113).

Consequentemente, as normas obrigatórias ditam os gêneros como binários, mostrando a linha tênue na aparência dos sujeitos. Essas normas são a continuidade de ações onde a aparência do corpo é materializada e, assim, pode ser entendida como performatividade. Dessa forma, performatividade é o que forma os corpos de forma não natural. Ou seja, é um processo legitimador que é exercido antes do indivíduo nascer. “Logo, o que ‘somos’ não é uma condição ontológica, mas um devir que determina o que ‘nos tornamos’” (BRAVO, 2015, p.113). Performatividade se torna uma ação que determina e estipula os princípios de existência social, é ela que faz com que a sociedade se comporte de acordo com os atos que garantem a ordem da identidade de gênero. Performatividade então é o que proporciona, aperfeiçoa e delimita a performance.

Performance necessita de um corpo que a manifeste. Como se fosse um ator encenando um personagem, o conceito de performance se define a partir de como

cada sujeito representa a si mesmo perante a sociedade. O comportamento do sujeito associado ao corpo é o que vai garantir sua aprovação social, revelando o que pode ser entendido como um personagem adequado. A imitação em gestos da construção social do sujeito é o que define a performance como um processo derivado da performatividade. Portanto, enquanto a performatividade é uma sequência de ações repetidas, a performance é a reprodução das expectativas consolidadas pelas normas fiscalizadoras das identidades. Em consequência, a performance é o que “naturaliza” essas normas fiscalizadoras e ainda prescreve o corpo, garantindo vestir os corpos de significados culturais heteronormativos. Por isso a performance é a reprodução dos atos que são estabelecidos socialmente.

Pinto (2006) descreve que a sociedade torna o próprio corpo como preliminar apenas para garantir o binário, indo desde a interpretação a olho nu até o mapa genético. E mesmo que não seja possível identificar a olho nu, como no caso do hermafroditismo, utiliza-se de tecnologias para que o binário seja assegurado, pois não se aceita qualquer desordem no significado pré-estabelecido para o corpo e entende-se como uma incapacidade de ser sujeito. Assim, pode-se dizer que o corpo “[...] é o que é visível na diferença sexual, não porque ele não é igualmente lido e leitor dessa diferença, mas porque, justamente por causa do efeito de apagamento de sua significação prévia, o corpo é o lugar da violência culturalmente organizada.” (PINTO, 2006, p.21).

Complementando esse pensamento, de acordo com Pinto (2006), talvez fosse então mais fácil pensar que gênero estabelece oscilantes sociodemográficas, o que não quer dizer que pode ser rebaixado a elas. Porém, primeiramente pode-se compreender o gênero como envolvido na dominação, controle e poder. Por isso não há como negar que a distinção entre homem e mulher é baseada em suas diferenças externas anatômicas. São, por assim dizer, ações repetidas dentro de um limite que forma o gênero, ações essas realizadas através de um corpo que fala. Além disso, a inflexibilidade e a repetitividade do que o limite abrange é o que torna mais facilmente compreensível, aparentemente natural, e por isso então a probabilidade única evidente do sujeito. Assumindo a identidade de gênero como um conjunto de traços adquiridos social e culturalmente, em outras palavras uma forma de performance, entende-se que em consequência da identidade de gênero, traços como comportamentos, atitudes e gestos são impostos de forma distinta para mulheres e homens.

Se existem performances referentes a homens e performances referentes a mulheres, estas opostas uma da outra, prega-se a ideia de que a performance masculina não pode pertencer a uma mulher da mesma forma que a performance feminina não pode pertencer a um homem. O sujeito fica submetido a uma performatividade já estipulada e se torna implicitamente obrigado a obedecê-la. Como no caso de Harry Styles ainda nos seus anos de banda que, de acordo com Malik (2016), era obrigado a se performar de acordo com o padrão masculino. Dessa forma, ele se comportava sempre da maneira mais viril que conseguia, muitas vezes tendo que mudar desde a forma em que se portava até sua vestimenta, apenas para garantir uma performance masculina que, na verdade, não fazia parte de sua realidade a qual compartilha de atributos pertencentes a performance feminina.

4 CONSTRUÇÃO SOCIAL DO MASCULINO

As divisões entre os gêneros trazem como consequências certas condições de existência do mundo que são consideradas as mais absurdas segundo alguns estudiosos. De acordo com Bourdieu (2002), elas são vistas como aceitáveis e até mesmo naturais, por mais que alguns se neguem a acreditar. Muitas coisas se transformaram, porém essas condições ainda estão enraizadas na sociedade. A forma como o gênero masculino tem predominância é um exemplo. Connell e Messerschmidt (2013) completam dizendo que o conceito de dominação masculina vem se consolidando a mais de três décadas e ajudou consideravelmente para o crescimento do estudo sobre homens.

Entendida como um padrão de práticas, masculinidade hegemônica significa a dominação masculina perante outras classificações, especialmente sobre as mulheres. Sendo extremamente normativa, a masculinidade hegemônica tem como proposta se tornar “a forma mais honrada de ser um homem, ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens” (CONNELL; MESSERSCHIMIDT, 2013, p. 245). No entanto, apesar de poder ser baseada na força, masculinidade hegemônica não é necessariamente violenta. Ela se manifesta através de persuasão, cultura e das instituições, a chamada violência simbólica.

Essa violência, na visão de Bourdieu (2002), se caracteriza por meio de uma forma de permissão que o dominado não deixa de ceder ao dominante e à dominação em si. Quando este dominado não possui mais que meios de conhecimento que ambos possuem em comum e que fazem a relação entre dominado e dominante ser vista como natural, ou seja, quando os dominados utilizam de maneiras em que colocam em prática para se interpretar ou para interpretar os dominantes, resultam da integração de classificações, dessa forma naturalizadas, de que sua identidade social é produto.

A forma em que o efeito da violência simbólica se exerce para o autor é através das maneiras de percepção, de ação e de avaliação. São essas maneiras que fundamentam uma forma de relação de conhecimento extremamente complexa a si mesma, pois atuam na parte de decisões de consciência e dos controles de vontades. Dessa forma, para compreender a lógica incoerente da dominação masculina e a submissão feminina deve-se atentar ao fato de que a ordem social impõe efeitos e

disposições que estão de acordo com esta ordem sobre as mulheres. Assim, Bourdieu (2002, p.50) descreve como estes efeitos são impostos:

A força simbólica é uma forma de poder que se exerce sobre os corpos, diretamente, e como que por magia, sem qualquer coação física; mas essa magia só atua com o apoio de predisposições colocadas, como molas propulsoras, na zona mais profunda dos corpos. Ela encontra suas condições de possibilidade e sua contrapartida econômica no imenso trabalho prévio que é necessário para operar uma transformação duradoura dos corpos e produzir as disposições permanentes que ela desencadeia e desperta; ação transformadora ainda mais poderosa por esse exercer, nos aspectos mais essenciais, de maneira invisível e insidiosa, através da insensível familiarização com um mundo físico simbolicamente estruturado e da experiência precoce e prolongada de interações permeadas pelas estruturas de dominação.

O autor completa dizendo que as ações de reconhecimento e conhecimento práticos em que a força simbólica provoca e em que os dominados muitas das vezes contribuem para sua persistência, sem mesmo perceber e até contra a própria vontade para sua própria dominação, assumem formas denominadas de emoções corporais como “vergonha, humilhação, timidez, ansiedade, culpa – ou de *paixões e de sentimentos* – amor, admiração, respeito” (BOURDIEU, 2002, p.51).

Harry Styles, por exemplo, provoca sentimentos como o amor de algumas fãs quando seus atos referentes a dominação masculina são reconhecidos. Principalmente quando estes atos estão interligados a relacionamentos amorosos que ainda são consequências da imagem que era obrigado a passar durante a época de banda.

Essas emoções, para Bourdieu (2002), podem se tornar ainda mais maçantes por se manifestarem de forma visível como o desajeitamento ou o tremor, por exemplo, além de várias outras maneiras de se submeter ao julgo do dominante. Ou ainda, as tantas outras formas de manifestar a tolerância ilícita onde o corpo se submete às diretrizes de uma consciência estabelecida através das normas típicas das estruturas sociais. Desta forma, a força simbólica apenas pode se exercer com a ajuda de seus subordinados e que somente se submetem a ela pois a constroem como forma de poder.

Bourdieu (2002) também comenta que a divisão entre os sexos, sendo uma forma de violência simbólica causada pela sociedade, acaba por ser tratada como natural, de tal modo que é automático e inevitável sua presença no mundo social, além de ser incorporada nos corpos e nos atos dos sujeitos, onde se manifesta como

sistemas de pensamentos e ações. “É a concordância entre as estruturas objetivas e as estruturas cognitivas, entre a conformação do ser e as formas do conhecer, entre o curso do mundo e as expectativas a esse respeito” (BOURDIEU, 2002, p.17) que torna possível acreditar na ideia das divisões de sociedade como naturais, começando pela forma em que a divisão dos sexos é construída socialmente. A força da dominação masculina se dá ao fato de que ela não precisa ser justificada, se impondo como neutra e sem necessidade de ser constantemente comprovada.

Para o autor, a diferença entre os corpos masculinos e femininos, mais precisamente a diferença anatômica dos órgãos sexuais, é usada como justificativa para a diferença entre os gêneros que é construída socialmente. Apesar de ser a visão social que cria a diferença entre os sexos, que conseqüentemente se torna a base e a garantia aparentemente natural da visão que a fundamenta, cai-se em um ciclo que encerra o pensamento na evidência de relações de dominação infiltradas na objetividade que organizam a maneira de percepção das divisões objetivas.

Quando a maneira de pensar e perceber dos dominados já está moldada de acordo com o que as estruturas dominantes lhes impõem, suas ações de conhecimento passam a ser ações de reconhecimento, de submissão. Ainda assim, por mais precisos que a correspondência entre as realidades e os princípios de visão e de divisão que lhes são aplicados seja, sempre existe uma maneira de buscar por uma luta cognitiva com propósito de compreender o sentido das coisas e, neste caso especificamente, das realidades sexuais. Dessa forma, os dominados têm a possibilidade de resistência contra o efeito de imposição simbólica por causa da indeterminação parcial de certos objetos (BOURDIEU, 2002).

Foi o que aconteceu com Harry conforme foi amadurecendo. Mesmo ainda na banda, já era possível observar leves mudanças no comportamento do cantor. Harry passou a se questionar sobre seus atos e características, buscando por compreender a relevância das definições sexuais e o motivo de ter o dever de segui-las, percebeu a possibilidade de viver sem obedecer a ordem masculina ou fazer parte dela. Lentamente as características extremamente masculinas dão lugar a ações mais femininas, ainda que recebesse críticas conforme sua adaptação.

Assim, Bourdieu (2002) conclui que dizer que a definição social dos sexos está longe ser meramente um registro de atributos naturais, onde estão expostas diretamente a percepção. Essa definição nada mais é que um produto de um molde criado a partir do reconhecimento e valorização de certas diferenças e da ofuscação

de semelhanças. Então, sabendo que homem e mulher são vistos como opostos de mesma fisiologia, um sendo superior e o outro inferior, entende-se porque até o renascimento ainda não existia terminologia anatômica para estudar precisamente o sexo feminino, que até então era representado como um órgão masculino inverso. Por isso, os anatomistas do início do século XIX, contribuindo para o discurso dos moralistas, tentavam encontrar no corpo feminino uma justificativa do que lhes é estabelecido socialmente, apelando para distinções tradicionais entre o exterior e o inferior, a passividade e a atividade e a sensibilidade e a razão.

As diferenças corporais entre os corpos masculinos e femininos são criadas de acordo com uma visão andocêntrica do mundo, onde possuir ou não um pênis é o que da base a esta visão. Essa é a visão em si que sentencia o pênis como foco da honra masculina. Além disso, a visão andocêntrica constitui a distinção entre os corpos biológicos em normas resolutas da diferença entre os gêneros. Por mais que as necessidades de reprodução biológica não sejam o que determina a essa disposição simbólica de toda e qualquer ordem social e natural, acaba se tornando uma constituição arbitrária do biológico e, conseqüentemente, do corpo e suas funções, predominantemente na reprodução biológica. Pois é onde fundamenta a visão andocêntrica como natural para se justificar a divisão sexual de um modo geral (BOURDIEU, 2002).

Bourdieu (2002) completa o pensamento explicando que cada gênero é resultado da construção diária estabelecida pela sociedade, prática e teoricamente, daí surge a visão binária. Buscando assegurar a existência de apenas dois gêneros, é necessário que haja uma constante confirmação do corpo sempre como socialmente oposto ao gênero contrário. Em outras palavras, o comportamento feminino, portanto, é não masculino, e o comportamento viril é, portanto, não feminino. Além disso, a ordem masculina se implanta também nos corpos biológicos por meio de injunções subtendidas, contidas em rituais coletivos ou privados. Dessa maneira, são impostas medidas que excluem as mulheres das tarefas denominadas mais nobres e obrigam os homens a estas tarefas.

Assim, Bourdieu (2002) descreve que o discurso da dominação masculina destaca cada agente, masculino ou feminino, em suas variadas operações de distinção encaixando as características exteriores de acordo com a definição social de cada modelo de distinção sexual. Além disso, esse discurso estimula práticas e atos considerados adequados ao seu sexo, desencorajando e, até mesmo, proibindo

comportamentos que seriam adequados ao gênero oposto. Como no caso dos ritos de separação, onde o objetivo é emancipar o menino da mãe para que se assegure sua masculinização, assim, o capacitando e treinando para enfrentar o mundo exterior. Os meninos têm a necessidade de realizar esses ritos para que se tenha a garantia de uma identidade sexual que é organizada socialmente orientada pela virilização. O “trabalho de virilização prossegue por ocasião desta introdução no mundo dos homens, do ponto de honra e das lutas simbólicas” (BOURDIEU, 2002, p.37), evidenciando a necessidade de negar “o lado feminino” do masculino.

Malik (2016) comenta que Harry Styles vivenciou essas proibições enquanto ainda estava na banda. Por possuir trejeitos considerados femininos, durante seus anos na One Direction ele teve que seguir um padrão de comportamento quando estava em público de acordo com a dominação masculina, para que todos e qualquer ato feminino fosse anulado ou escondido, já que não é bem visto um homem se portar de maneira feminina ou ser comparado a uma mulher. Por ser uma figura pública, ele jamais deveria fugir do padrão que a dominação masculina prega, dessa forma, sendo desligado de grande parte de seus interesses, pois estes eram vistos como femininos e assim não deveriam pertencer a um homem.

Da mesma forma que aos meninos são impostos a abdicar de tudo que os restam de feminino, sempre almejando a virilidade, as meninas têm imposições ainda mais radicais. A mulher se encontra num papel em que é inferiorizada por limites impostos de acordo com seu corpo, buscando essencialmente a maneira mais precisa de boa conduta, “aprendendo a se vestir de acordo com seus diferentes estados sucessivos, menina, virgem núbil, esposa, mãe de família” (BOURDIEU, 2002, p.37), assumindo, tanto por inconsciência como por obediência, a forma determinada correta de se comportar. Dessa forma, compreende-se que os princípios de masculino e feminino se inscrevem no comportamento do corpo como forma de naturalização de uma ética. Da mesma forma em que a honra masculina pode se resumir na palavra “enfrentar”, resultando em uma postura firme e ereta, a submissão feminina se define nas formas em que se curva, se conforma, se submete.

Explicitamente as relações sociais dos gêneros se definem por dominação e exploração, onde devem ser ao mesmo tempo que opostas, complementares. Assim classificam tudo do mundo e todas suas práticas de acordo com essas diferenças entre masculino e feminino, tornando todas as condições a favor da dominação masculina. A prioridade universalmente dada aos homens se confirma no

comportamento de estruturas sociais, baseadas na divisão sexual social e biológica, onde garante aos homens a melhor parte. Assim como nos esquemas que se relacionam a todo o conjunto de características moldadas a partir dessas condições, conseqüentemente se tornam concordantes, funcionando como base das percepções, ações e pensamentos de todos os indivíduos que são universalmente compartilhados, assim se impondo a cada agente como uma forma superior. (BOURDIEU, 2002).

Desta forma, autores Connell e Messerschmidt (2013), acreditam que exista duas formas de expressão hegemônica dominante, a interna e a externa. A primeira refere-se à influência social de um determinado grupo de homens sobre os outros homens, e a segunda ao estabelecimento da dominação dos homens sobre as mulheres. Além disso, a hegemonia interna não recebe nenhum tipo de efeito das demais masculinidades consideradas subordinadas. Essas masculinidades existem em conflito com a masculinidade hegemônica, porém não a impactam. Dessa forma, a masculinidade dominante passa a ser “um ‘bloco histórico’ envolvendo uma rede de padrões múltiplos, dos quais o hibridismo é a melhor estratégia possível para a hegemonia externa” (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 261). Isso quer dizer que, além de se adaptar historicamente, a masculinidade hegemônica também se reconfigura a partir da apropriação de novos elementos diversificados. Como por exemplo,

o crescimento da visibilidade da masculinidade gay nas sociedades ocidentais. Isso fez com que se tornasse possível para muitos homens heterossexuais se apropriarem de “partes e pedaços” dos estilos e das práticas de homens gays e construïrem uma nova configuração híbrida de prática de gênero. Tal apropriação enfumaça a diferença de gênero, mas não enfraquece o patriarcado. (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p.261).

Algumas práticas masculinas se apropriam claramente de outras masculinidades, em que se cria uma forma de híbrido, como acontece Harry Styles ainda na banda. Conforme teve a noção de que aquele padrão de masculinidade que se via inserido não tinha motivos de ser seguido, ele passou a lutar por mais liberdade de expressão e, dessa forma, criou acordos com a gestão do grupo para poder se performar mais livremente. Assim, a gestão começa a inserir pequenas características das práticas de homens homossexuais ou de mulheres e relacionar com a imagem de estereótipo de cantor famoso símbolo sexual que Harry ainda deveria passar, para avaliar como esse novo comportamento seria aceito pelo público.

As definições de masculinidade são formadas em processo social, por isso

as vezes podem ser interpretadas como inconsistentes. Cada ciclo social tem seu modelo masculino considerado admirável, esses modelos se referem a realidade cotidiana do ato social, que são admirados pela igreja, relatados pela mídia e exaltados pelo Estado. Dessa forma, o modelo ideal masculino é constituído de forma que não se adequa a realidade de nenhum homem. Mesmo assim, por mais que preguem ideias fantasiosas, são exaltados pelo fato de se articularem nas formas de viver situações cotidianas, assim contribuem para o domínio masculino sobre os gêneros. Por exemplo, Harry por ser uma celebridade serve como inspiração para muitos outros homens. Por isso, durante muito tempo sua imagem era a pura representação do estereótipo de adolescente famoso “mulherengo”.

A hegemonia será estabelecida somente se existir correspondência entre padrão cultural e o poder institucional, seja ele coletivo ou individual. O conceito de masculinidade hegemônica está calcado nos moldes tradicionais e dos predicativos da personalidade do homem, machista, viril e heterossexual, do mesmo modo em que este deve apresentar distanciamento emocional, agressividade e comportamento de risco no seu dia a dia. (SILVA, 2006, n.p.).

Connell e Messerschmidt (2013) citam que o homem não tem que *possuir* muita substância masculina em si, basta compartilhar do *status* que é considerado como masculino. Por exemplo “enlouquecer, se mostrar, dirigir bêbado, entrar em uma briga, defender seu próprio prestígio” (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 252). A masculinidade é normalmente associada a características negativas, os homens são retratados como independentes e não emocionais, atributos que são facilmente vistos em atos criminais. Passa-se a tratar a masculinidade como forma de justificativa para esse tipo de comportamento negativo, como pode ser visto na extrema necessidade em que o homem deve tratar de relacionamentos amorosos como meramente relações físicas em busca da satisfação pessoal. Desta forma, o conceito de masculinidade hegemônica se torna uma espécie de sinônimo de um padrão masculino constituído por dominação, machismo, sexismo e rigidez. Associando essa dominação, principalmente sobre as mulheres, não se surpreende que alguns contextos de masculinidade se refiram a atos negativos, incluindo violência, onde se assegura a dominação do gênero em algum contexto em particular.

Aqui pode ser visto a definição do estereótipo de homem ideal. Harry Styles até certo período da sua vida deveria se representar exatamente como esse estereótipo, evidenciando acima de tudo a questão de relacionamentos amorosos,

pois a imagem de mulherengo que deveria passar tinha de ser constantemente confirmada. Malik (2016) comenta que para assegurar esses estereótipos, a própria gestão da banda criava rumores que por mais que denegrissem a reputação do cantor, eram necessários apenas para evidenciar a imagem de conquistador. Como quando surgiu o rumor de que Harry estaria em um relacionamento com uma mulher com o dobro da sua idade quando era apenas um adolescente de 16 anos.

Se tratando de nível local, os padrões de influência predominante masculina estão implantados em ambientes sociais característicos, assim como em organizações formais. Esses modelos socialmente impostos também influenciam no núcleo familiar, pois são tanto implicados quanto contestados conforme as crianças crescem. Os modelos de masculinidades passam a ser o que influencia nas práticas dos homens e meninos, em vez de ser apenas uma forma de reflexão sobre elas, tornam-se “centrais para a compreensão das consequências generificadas nos processos de violência, saúde e educação” (CONNELL; MESSERSCHIMIDT, 2013, p.256).

Assim, os autores Connell e Messerschmidt (2013) chegam a questão de porque os homens se moldam a partir de um ideal e não como a masculinidade hegemônica é vista como a característica predominante em algum grupo de homens. Se o sujeito escolhe certas posições discursivas para o aproximar do conceito de masculinidade dominante, isso faz com que o afaste de sentimentos de ausência de poder, o tornando mais próximo do modelo ideal de masculinidade. Entretanto, por mais que o homem se molde de acordo com o que lhe é estabelecido, não incorpora exatamente aquele modelo. Ou seja, as normas hegemônicas estabelecem um modelo ideal de masculino e o sujeito o toma para si estrategicamente em situações particulares. Os homens passam a adotar a masculinidade hegemônica apenas quando julgarem necessário, mesmo que em outros momentos esses mesmos homens se afastem dessas normas. Resultando então em uma masculinidade que não representa um tipo específico de homem, mas sim a forma em que se posicionam a partir das práticas discursivas.

Como pode ser visto no caso de Harry quando tinha que seguir o padrão de masculino apenas quando estava em público. Em seu ambiente familiar ou longe dos holofotes, o comportamento viril e masculino era descartado mas, de nenhuma maneira, poderia deixar que quaisquer atitudes fora do padrão fossem percebidas em público. Por isso, diversas vezes o cantor envolveu-se em escândalos quando suas

ações não correspondiam a dominação masculina e dessa forma eram consideradas absurdas. Dessa forma é possível observar que a masculinidade é formada no discurso e é usada no discurso, resultando em como usam da masculinidade para sustentar o respeito de si mesmo diante da desvalorização do outro, fazendo os que não atendem ao padrão se sentirem inferiores e não suficientes para se definirem como homens.

Bourdieu (2002), sugere que apontar as características que a dominação masculina atribui nos corpos e os efeitos que surgem por meio deles não significa dar sustentação a esta maneira viciosa de comprovar a dominação e que designa as mulheres como culpadas de adotar sua própria submissão, nas quais dão a entender que elas até mesmo gostem dessa dominação por se sentirem bem com os tratamentos que lhes são direcionados. Ao contrário, deve-se apontar as características da dominação justamente para que se compreenda que não apenas essa tendência da mulher à submissão seja usada como justificativa para culpar a vítima, resultantes dessas estruturas dominantes, como também que essas normas apenas se afirmam por conta dos meios que usam para sua reprodução. Portanto para evitar se fechar nessa constatação, basta atentar-se a construção social das estruturas cognitivas que são responsáveis pelas ações de construção prática, estas que estão longe de ser um pensamento consciente e livre. Contrariamente, elas são resultantes do poder inscrito nos corpos dos que são dominados por meio de esquemas de disposições e de percepção que torna vulnerável a algumas manifestações simbólicas de poder.

Assim o autor também aponta que, pelo fato da base da violência simbólica se inscrever em disposições moldadas a partir das estruturas de dominação, apenas seria possível chegar a um encerramento da relação de cumplicidade que os dominados têm com os dominantes por meio de uma grande mudança nas condições sociais que influenciam os dominados a aderir, sobre si mesmos e sobre os dominantes, a forma de pensar de acordo com os dominantes. A violência simbólica se manifesta por meio de atos de conhecimento e desconhecimento prático, atos que se exercem na parte da consciência onde entende e reconhece seu poder a todas as suas manifestações e censuras à ordem. Porém, esta relação de dominação apenas funciona através dessa cumplicidade, que depende das estruturas onde essas disposições se resultam para que haja uma transformação.

4.1 O PADRÃO DE SER MASCULINO

A ideia de masculinidade, assim como qualquer outra visão social e cultural, está comprometida a cada época e espaço geográfico que define um tipo de homem daquele tempo. O sujeito é inserido em determinado contexto pela sociedade que cria a ilusão de que padrões são necessários. Nolasco (2018) descreve que o mundo utiliza o sujeito pra se fazer existir, mídias fazem as pessoas se sentirem de acordo com o que desejam, criando a ideia de que o indivíduo tem controle sob si, quando na verdade não tem. Afinal, sujeitar-se ao julgo de alguém para determinar o que se define torna a própria verdade imposta e se aceita aquilo que foi estipulado. Os atos performativos e performances que vão se constituir a partir do que significa ser homem fazem com que o sujeito deixe de se imaginar e deixe de colocar diante sua própria experiência uma maneira de se sentir homem.

De acordo com Bravo (2015), os atos performativos são responsáveis por produzirem uma ideia de mundo social baseada na relação implícita entre as pessoas onde aquele que é controlado se torna o meio que conserva constantemente a interpretação sobre a tradição. Dessa maneira, as identidades de gênero são entendidas como atos estilizados e repetidos que estruturam os corpos biológicos entre os espaços em determinadas épocas. Porém, os atos performativos decorrentes das identidades de gênero estipulados socialmente são descontínuos em razão de serem um objetivo ansiado pela coerência da sexualidade. Em consequência, por conta de uma sociedade heteronormativa, se prega o pensamento de que o ser homem deve possuir um pênis, seguindo uma masculinidade histórica, onde se firma comportamentos de racionalidade, superioridade e virilidade. Dessa mesma maneira, o ser mulher deve possuir vagina, adotando um comportamento flexível, vulnerável e submisso.

Portanto se a mulher, que é inscrita em um trabalho de socialização do qual se vê submetida e diminuída, absorvendo uma forma de pensamento e comportamento caracterizados por silêncio e sujeição, é vítima, de acordo com Bourdieu (2002), o homem também se encontra como vítima da representação dominante. Resulta daí a diferenciação explícita entre os sexos, afinal, as disposições de submissão são as responsáveis por exercer a dominação que não está inscrita em uma natureza mas sim é construída socialmente. O fundamento de ser homem está relacionado ao “sentido de *vir*, implica um *dever-ser*, uma *virtus*, que se impõe sob a

forma do "é evidente por si mesma", sem discussão." (BOURDIEU, 2002, p. 63).

Considerada similar à nobreza, a honra é o que caracteriza o homem ideal. Ela se infiltra nos corpos biológicos como conjuntos de condições mantidas como aparentemente naturais, na maioria das vezes visíveis no comportamento do indivíduo como sua maneira de erguer a cabeça, sua postura, se manter de pé, os quais são correspondentes com a forma considerada a mais correta de se pensar. É a honra que estrutura os atos e pensamentos dos indivíduos, como uma espécie de força superior que não exige a obediência direta – já que pode se negar a fazer parte de tal exigência, ela se constrói como se fosse uma necessidade lógica ao mesmo tempo em que não se estabelece como uma regra. Essa denominada força superior é que persuade o indivíduo a concordar e aceitar como inevitáveis as ações que são entendidas pelos outros como impossíveis. Ela "é a transcendência social que nele tomou corpo e que funciona como *amor fati*, amor do destino, inclinação corporal a realizar uma identidade constituída em essência social e assim transformada em destino" (BOURDIEU, 2002, p.64). No sentido do conjunto de habilidades determinadas como nobres, a honra é resultado de um trabalho social de designação e confirmação, onde se institui por essa força superior, reconhecida por todos e que a sociedade estrutura, se inscreve na natureza para se tornar uma espécie de lei social introduzida.

Ainda se tratando de identidade gerada no mundo social, por conta da visão binária os corpos biológicos que estão sujeitos a transformação, estes que são sexualmente diferenciados e sexualmente diferenciadores ao mesmo tempo, se manifestam por meio de "efeitos de sugestão mimética, em parte através de injunções explícitas, e em parte, enfim, através de toda a construção simbólica da visão do corpo biológico" (BOURDIEU, 2002, p.70). Em resultado, produzem características diferenciadas e diferenciadoras. A construção do corpo com pênis em masculino e do corpo com vagina no corpo feminino, tarefa essa que exige grande gasto de tempo e esforço, é o que determina as reações físicas causadas por conta da relação de dominação, dessa forma a naturalizando. É por meio da domesticação dos corpos biológicos que se estabelecem as disposições mais essenciais, são elas que tornam os corpos preparados e propensos a entrar em jogos sociais mais propensos ao desenvolvimento da virilidade.

Como no caso do cantor Harry Styles que passou anos reproduzindo atos e comportamentos referentes a masculinidade pelo fato de se definir homem, sendo

afastado de tudo aquilo que remetia ao feminino por mais que fossem os verdadeiros interesses do cantor. O ato de pintar as unhas é um exemplo, por ser algo estipulado apenas referente a mulheres, não seria adequado um homem fazer uso de determinada característica. Dessa forma, Harry e a gestão da banda entram em certos acordos para que ele possa se performar da maneira que realmente deseja, mas que ainda não deixe de seguir o padrão de masculinidade exigido, como mostra na figura 4, abaixo onde Harry pinta apenas uma das unhas de cada mão.

Figura 4 - Atos femininos realizados por um homem



Fonte: BuzzFeed⁴

Barbosa (1998) aponta que a virilidade como base do controle emocional masculino faz com que a ternura e a afetividade sejam reprimidas, por serem vistas como atributos característicos das mulheres. Por interferir no emocional, a virilidade tende a ser vista nos discursos sobre masculinidade como algo “biológico, caótico, desordenado, subjetivo, incontrolável e perigoso” (BARBOSA, 1998, p.325), como se a tendência a agressividade fosse criada no biológico do ser humano e assim justificaria seus atos violentos consequentes. É uma visão mergulhada no sistema binário que considera a racionalidade como traço masculino e a emotividade como traço feminino. Quase sempre, é através do controle emocional e do controle das situações para assegurar sua própria imagem de autoridade diante do mundo que o

⁴ Disponível em: < <https://www.buzzfeed.com/laurasilver/put-the-nail-in-it-harry>>. Acesso em: 25 maio. 2019.

homem aprende a assumir o modelo de homem ideal imposto pela sociedade. Ele passa a ver a virilidade como uma forma de identidade, resultando em um homem hesitante e mascarado quando se trata de emoções. Ensinado a reprimir tudo que se refira a emoções, desde muito jovem, o homem aprende que o correto é adotar comportamentos que representem o termo “macho”. Aquele em que, desde os primeiros registros da história, já se vê como rígido, equilibrado e, acima de tudo, dominante em qualquer situação.

Barbosa (1998) também argumenta que o estereótipo de macho, apesar de sofrer alterações durante o passar do tempo, ainda se fundamenta em comportamentos muito antigos com a extrema confiança em si mesmo, já que não é de forma alguma aceitável sentir-se duvidoso em relação a si próprio, onde se manifestam desde a forma de pensar até a aparência. Homens, dessa forma, buscam por tudo aquilo que representa mais cruamente a virilidade, por exemplo ser alto e musculoso que trazem consigo uma espécie de garantia de segurança tanto para si quanto para os que pretende defender. Suas ações, também, demonstram extrema autoridade e confiança, se encontram em perfeita calma quando cientes de que estão no controle da situação e podem ficar completamente fora do normal por não aceitarem que não tem o domínio da situação. Isso acaba por influenciar em competições criadas pelos próprios homens para outros homens e para si mesmos na tentativa de provar que podem ser considerados mais “macho” que o outro.

Henderson (2019) descreve algumas das situações em que os integrantes do grupo One Direction eram obrigados a passar. Harry, por ser o mais fora do padrão masculino entre os membros, era o que mais passava por alterações em seu comportamento. O cantor interpretava uma espécie de personagem toda vez que era visto publicamente, no qual suas ações e representações referiam-se ao modelo de homem ideal, resultando em comportamento viril e aparência remetente ao masculino. Na maioria das vezes em que era exposto abertamente, Harry alterava desde a forma que se sentava até as roupas que vestia, para que a imagem de homem perfeito fosse passada. Seu comportamento era regrado, os gestos e a forma de se portar, por exemplo, eram constantemente controlados para que não se tornassem explicitamente diferentes ao comportamento dos outros cantores. Porém, como mostra a figura 5, abaixo, é possível observar que mesmo imposto as regras do padrão de masculinidade, ainda é notável a diferença no comportamento do cantor com os demais integrantes da banda.

Figura 5 - Harry Styles heteronormativo



Fonte: Vogue⁵

Homens se reprimem e recusam todo comportamento que lembre o feminino por conta da visão andocêntrica do mundo que torna tudo que é considerado da mulher inferior e, dessa forma, inaceitável para um homem de honra. Apesar do próprio homem retrain suas emoções, cria-se uma ilusão de que são imunes a fragilidades e inseguranças por conta de todo esse aparato de treinamento para o pensamento viril, dando início a um ciclo onde não se aceita o medo dessas emoções, mas também não é correto manifestá-las, assim não as manifestando por conta do medo de ser interpretado de forma errada (BARBOSA, 1998).

Assim como a honra, Bourdieu (2002) acredita que a virilidade também tem a necessidade de ser comprovada por outros homens por meio de reconhecimento, para que se afirme fazer parte de um grupo de ideal masculino ou não. Várias maneiras de ritos de instituição fundamentam formas de provas de virilidade, sempre buscando reforçar os ideais viris. Essas práticas têm como finalidade fazer com que os que estão sendo provados confirmem diante da sociedade sua virilidade por meio da violência e da busca em se colocar sempre contra toda e qualquer característica que refere aquilo que não seja viril, o que demonstra como são dependentes da aprovação do outro para que se sintam seguros consigo mesmos. É necessária uma

⁵ Disponível em: < <https://www.vogue.co.uk/gallery/harry-styles-style-evolution>>. Acesso em: 25 maio. 2019.

espécie de autorização social para que o homem possa entrar em contato com situações que até então eram interdidas a eles por se classificarem como referentes a mulher.

Além de que o homem não deve, de maneira alguma, se rebaixar a atividades que são consideradas socialmente como inferiores. Ainda que quando rebaixados eles sejam vistos como corajosos e honrados, ao contrário das mulheres que acreditam não fazer mais do que a obrigação e não passam de insignificantes. “Basta que os homens assumam tarefas reputadas femininas e as realizem fora da esfera privada para que elas se vejam com isso enobrecidas e transfiguradas” (BOURDIEU, 2002, p.75). O homem deve se sujeitar as condições impostas sobre si onde se sente na obrigação de se igualar a um molde que acredita fazer com que sua honra cresça e, dessa forma, se torne destaque. Indiretamente, tudo colabora para que esse ideal impossível de virilidade se torne uma grande insegurança. É por conta dessa insegurança que muitos sujeitos se veem na obrigação de confirmar constantemente sua virilidade, investindo em comportamentos que manifestam características ditas como viris, como a violência.

Bourdieu (2002) continua o pensamento apontando que as manifestações de virilidade se baseiam naquilo que traz honra, fundamentadas pela conservação e pela busca do crescimento dessa honra, onde se manifesta principalmente através da aparência. Alguns ritos que são considerados como atos de coragem que contribuem para as manifestações de virilidade ironicamente têm base no medo do julgamento daqueles em que se compara ou espelha e de ser sujeitado a características pertencentes a feminilidade, sendo denominados de “mulherzinha”. Como em certos grupos de trabalho, nos quais os homens são encorajados ao mal-uso ou a falta do uso de equipamentos de segurança, mostrando que correr determinados riscos é uma forma de desafiar o perigo, o que os dá a ideia de se tornarem ainda mais “homem”. Paradoxalmente, esses atos de coragem provêm da covardia. O empenho em se sentir dominante se baseou no medo de ser eliminado do mundo masculino, onde não há fraquezas e todos são rígidos com o sofrimento alheio e próprio.

I-D Magazine (2018) comenta que por muitos anos Harry se escondeu em uma espécie de personagem por medo do como a sociedade iria julgá-lo. Mesmo que fosse obrigado a se comportar conforme o padrão masculino pela gestão da banda, ainda existia a insegurança em si mesmo quando sua realidade foi exposta. Possuir interesses em itens femininos causou a Harry Styles diversas situações de repressão

por si mesmo onde se colocava em controvérsia com sua própria vontade. O medo do julgamento falou mais alto durante anos até que ele se sentisse seguro o suficiente para testar pequenas formas de se representar com características mais femininas. Gradativamente, a performance feminina toma conta de grande parte do comportamento do cantor. A maioria das críticas que ele recebeu, no entanto, foram positivas. Porém, o que realmente tornou Harry mais confiante em si mesmo foi ter a noção de que o medo de ser julgado, se fizesse determinados atos, não passava de uma proibição criada em sua própria mente por conta da sociedade em que cresceu. Dessa forma, o processo de criar confiança em si mesmo durou alguns poucos anos, até que estivesse inteiramente livre para se expressar da forma que sempre quis.

Barbosa (1998) explica que a geografia também ajuda para que o conceito de virilidade seja construído. Cada lugar e época tem sua masculinidade hegemônica característica, resultando assim na divergência quando se define ou expressa a virilidade. Porém, mesmo que sejam diferentes, as masculinidades compartilham das mesmas influências por seus padrões culturais e sociais. Assim, por mais que as divisões geográficas influenciem na estruturação do fundamento de virilidade, certas características continuam evidentes. Como, por exemplo, o fato de incentivar a posse do corpo da mulher como prova de honra.

Bourdieu (2002) completa o pensamento apontando que a descrição cultural de um determinado espaço social é o que está por trás dos traços e fragmentos espalhados pela visão andocêntrica do mundo, pois é construída em torno da dominação masculina através da história sob uma visão extremamente conservadora e arcaica em que permanece viva nos sujeitos. Portanto, o inconsciente se liga a um processo de construção histórica e não às propriedades inscritas na natureza biológica ou psicológica, como no caso em que se busca desligar o menino do mundo feminino e, por consequência ser passível de mudança por meio da transformação de suas disposições históricas. Em contrapartida, por mais que exista grande diversidade entre homens e mulheres, ainda existem outros atributos que contribuem para que essa diferença seja ainda maior. Pois, posição social, idade e experiências anteriores se revestem de significações opostas para os gêneros, mesmo que compartilhem de experiências muito semelhantes.

Quando se trata de ato sexual, Bourdieu (2002) descreve que a dominação masculina se apresenta ainda mais divisora. Não apenas porque homens e mulheres são ensinados a divergirem muito de seu ponto de vista sobre relações afetivas, em

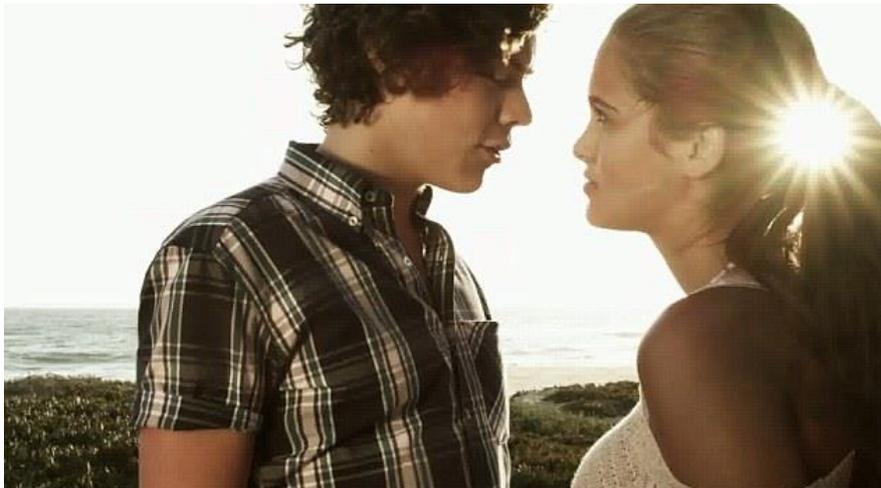
que normalmente é vista pelos homens como uma lógica de conquista, principalmente, pela necessidade de mostrar e comprovar para o outro sua conquista, como em conversas entre amigos onde se vê atos de contar vantagens sobre suas consideradas vitórias para o outro, mas, também, porque o próprio ato sexual é considerado pelos homens como uma maneira de apropriação, de posse e de domínio. Resultando na grande diferença entre as expectativas dos homens e das mulheres para o ato sexual. As mulheres são orientadas para encarar o ato sexual como uma experiência baseada na afetividade e intimidade, que abrange diversas atividades como acariciar, abraçar e etc., sem a necessidade de penetração em si. Enquanto que os homens devem viver o ato sexual como uma experiência, sobretudo, física, fundamentado pela conquista, para que se tenha o resultado desejado que é a penetração e a satisfação.

A visão física do ato sexual traz à mulher uma visão de pureza, Bourdieu (2002) descreve que elas são ensinadas a serem o mais conservadoras possível e de forma alguma se comportar de maneira promíscua, pois assim seriam interpretadas como prostitutas e a imagem da mulher honrada está longe disso, afinal não seriam dignas do amor de um homem honrado. Em contrapartida, a imagem da mulher é normalmente objetificada, principalmente em relação ao ato sexual. Por ver a mulher como uma espécie de objeto de satisfação quando se trata da relação sexual, o homem passa a interpretar a mulher de forma ainda mais crua. Resultando em uma versão da mulher que é vista como provocante a todo momento, já que está em constante deriva da conquista masculina. Essa visão retrata duas grandes variantes femininas, a que serve apenas como objeto sexual e é baseada em comportamentos e aparências que despertam a libido masculina, e a que é considerada digna do amor do homem honrado, que se comporta de forma pura e conservadora, sempre se mostrando submissa ao homem. Assim como a mulher, o homem também possui seu ideal em relação a conquista.

Com o passar dos anos, esse ideal adquiriu diversas formas, mas sempre mantendo a extrema virilidade, onde é normalmente associada a um ser imponente, de grande porte, sério e másculo. Características de comportamento e aparência que retratam o homem como o estereótipo puro de macho, dessa forma também o objetificando. A mídia tem grande influência em retratar esse estereótipo de homem viril de acordo com a época e espaço geográfico de cada sociedade. Harry, como figura pública, se inclui na representação de modelo de homem ideal pela mídia, por

isso era obrigado a se comportar de forma masculina quando estava na banda. Sua influência era forte não só nas meninas, mas também nos meninos já que se espelhavam nele para se performar. Já entre as meninas, ele era visto como símbolo sexual, por isso, ele deveria ser sempre masculino, usar o que estava em evidencia para os homens, esconder qualquer trejeito que remetesse ao feminino entre outras proibições. Uma forma fácil de ver como era colocado como símbolo sexual é em alguns dos clipes do grupo One Direction, principalmente os primeiros, ou o que é ilustrado na figura 6, abaixo. Aqui Harry pode ser visto conquistando a personagem que a atriz executa, como forma de representação da confirmação de sua virilidade pelo ato da conquista da mulher.

Figura 6 - O homem representado como símbolo sexual



Fonte: Daily Mail⁶

A relação sexual se identifica, segundo Bourdieu (2002), como uma relação social de dominação para os homens pois é estruturada a partir da visão entre ativo e passivo, masculino e feminino, respectivamente, e que molda o desejo masculino de acordo com o controle. O homem tende a necessidade de posse, denominada como dominação erotizada e, em consequência, a mulher tem o desejo feminino reconhecido como erotizado da dominação. Quando se trata de quantidade nas relações sexuais, também existe uma grande oposição. Ao contrário das mulheres em que são repudiadas e mal interpretadas quando se relacionam de maneira excessiva, com a ideia de que o ato sexual é uma forma de comprovar seu domínio, o homem,

⁶ Disponível em: < <https://www.dailymail.co.uk/tvshowbiz/article-2028186/Worked-appetite-girls-One-Direction-shout-screaming-fans-pizza-queuing-5am.html>>. Acesso em: 27 maio. 2019.

quando ainda jovem, é incentivado a adquirir muita experiência sexual. O jovem rapaz aprende que, quanto mais experiências possuir, mais vai se comprovar como o modelo ideal de homem poderoso por conta de suas inúmeras conquistas.

A forma mais usada para mostrar Harry Styles como inserido no padrão de masculino, era criando uma imagem de mulherengo. Desde o início da carreira da banda Harry já era exposto a rumores de relacionamentos curtos e sem compromisso com mulheres, reforçando a ideia de que o homem vê relacionamentos amorosos apenas como relacionado ao físico e a própria satisfação e, principalmente, reforçando a visão de homem heteronormativo. Dessa forma, com o passar dos anos a imagem de mulherengo apenas se confirmava, mesmo que fosse evidente o desconforto do cantor quando questionado sobre o assunto em entrevistas. Por isso, Harry deveria agir, ou pelo menos aparentar, conforme a imagem de conquistador e charmoso sempre que alguma mulher era vista ou associada ao cantor, como se o ato de conquistar uma mulher confirmasse sua autenticidade como homem.

A mulher, por sua vez, é treinada para ser recatada, jamais deve se mostrar diretamente interessada no que lhe é sugerido, caso contrário seria interpretada como “fácil” e isso não está de acordo com o modelo de mulher honrada, o que torna a conquista do ato sexual para o homem ainda mais importante. O jovem homem se sente ainda mais relevante quando a conquista é árdua, pois dessa forma se sente mais homem que os outros ao executar tal tarefa considerada difícil. Vangloriando-se, principalmente para outros homens, é ensinado desde muito jovem para que tenha liberdade no ato sexual ao encará-lo como algo banal e é, por muitas vezes, incentivado à libertinagem e ao descompromisso, ao mesmo tempo em que aprende que não se deve apegar, de forma alguma, as suas parceiras, pois relações mais afetivas são sinônimos das mulheres. (BOURDIEU, 2002).

O autor continua, sugerindo que até que chegue a uma determinada idade, em que o correto é se estabelecer com uma única parceira. Esta deve aparentar ser honrada e submissa, se sujeitando a certas situações onde se sentem ainda mais inferiores, como alguns casos de deslizes de fidelidade. Traições quando vindas do homem, muitas das vezes são desculpadas ou aceitas, simplesmente pelo fato de serem homens, novamente usando a natureza como justificativa para uma ação ruim. Enquanto que pelo mesmo fato de ser homem, quando a traição vem da mulher, o ato se torna motivo de humilhação, ao que torna o homem como insuficiente em seu papel masculino.

Se tratando de relações homossexuais, Bourdieu (2002) sugere que exista uma reciprocidade possível onde a relação entre sexualidade e poder se expõem de forma explícita e os papéis que são assumidos nos relacionamentos. Principalmente o papéis de ativos e passivos são inseparáveis das relações entre as condições sociais que estabelecem sua relevância e possibilidade. A penetração, por sua vez, quando exercida sobre um homem, é uma das maneiras de afirmar o desejo sexual associado ao desejo de dominação, este que está sempre presente no desejo masculino. Em várias sociedades a posse homossexual é entendida como uma demonstração de dominação, em certos casos para que se prove a própria superioridade através da “feminização” do outro, dessa forma tornando o sujeito feminizado desonrado e não mais como o modelo ideal e íntegro. Da mesma maneira em que o ato sexual se relaciona com poder e dominação para o homem, também está ligado a humilhação, onde seu maior fracasso seria ser comparado, para então transformado, a uma mulher. Por isso, quando se tem a intenção de atingir um homem, logo se faz acusações de homossexualidade ou deboches a respeito de sua virilidade para que sintam a vergonha que é ser colocado no mesmo papel que a mulher.

Harry sempre foi muito discreto sobre a sua sexualidade. O cantor acredita que não existe a necessidade de expor a sexualidade publicamente apenas pelo fato de ser uma celebridade, afinal isso não interfere nele quanto pessoa. Por isso, apenas em sua primeira turnê mundial como cantor solo ele se revelou como *queer*, ainda no palco. Anos depois de uma longa carreira com a banda One Direction, onde fugia de questões relacionadas ao assunto ou nunca respondia diretamente quando era questionado. Mesmo deixando exposto sua sexualidade, ele é constantemente questionado sobre o assunto e sobre relacionamentos amorosos, por mais que sempre evidencie como não acha relevante rotular e expor a sexualidade como a maioria acha. Ele sofreu diversas acusações de homossexualidade, antes mesmo de dizer oficialmente que não se reconhece como heterossexual, por conta de todo seu comportamento fora do padrão, adquirido enquanto ganhava mais liberdade de se expressar, porém nunca deu importância a esse tipo de crítica.

Bourdieu (2002) mostra que é possível notar que os princípios comuns de dominação masculina exigem de forma subtendida e incontestável que o homem, pelo menos, aparente uma posição dominante no casal. Em vista de seu valor e dignidade, o homem honrado deve ser dominante na relação amorosa e reconhecido dessa forma universalmente, devendo representar em seu modo de se portar e aparência

toda sua dominância perante o parceiro. O papel dominante do homem também influencia na dignidade da mulher, ela deve amar um homem que a honra esteja explicitamente confirmada no fato de que ele a supera facilmente em tudo. Tudo por meio da arbitrariedade evidente de uma tendência que não se debate e nem se justifica, mas que somente pode existir na experiência de uma superioridade, dos quais os sinais mais identificados e incontestáveis por todos os sujeitos são o tamanho e a idade, como representantes de maturidade e segurança.

Bourdieu (2002) ainda comenta que a dominação masculina se torna uma espécie de cilada se considerar a forma em que pressiona e mobiliza os indivíduos a possuírem pensamentos e comportamentos que os impõem a obrigação de confirmar de qualquer forma e a todo momento sua virilidade. Conforme o sujeito vai se introduzindo no coletivo social, o modelo ideal de homem honrado se torna cada vez mais como um foco inacessível, o modelo sempre buscado, mas nunca alcançado. Assim, a virilidade inscrita nesse modelo de homem perfeito, pode ser entendida por capacidade reprodutiva (o pênis em sua geometria em si), mas também como a tendência a violência. Portanto o modelo de homem ideal se fundamenta em valores físicos que se transformam em valores morais.

Por fim, o autor explica que por mais que o mundo aparente ser produzido de indícios e de sinais que definem as coisas a serem realizadas e as que não são consideradas possíveis, estruturando as mudanças e movimentos estabelecidos como prováveis, possíveis ou impossíveis, todos os “fazer” ou “vir” estão dispostos por um mundo divergido econômica e socialmente. Além disso, os sinais e indícios não se referem a qualquer um, eles representam-se de acordo com as disposições de cada agente. Eles que determinam como vai ser feito, se deve ou não ser feito, se é considerado natural ou imprevisível, normal ou fora do comum, que categoria melhor pertence, dessa maneira designando o que pertence a um homem e o que pertence a uma mulher.

5 DIVISÃO DOS GÊNEROS NA MODA

Uma das formas mais comuns para diferenciar homens e mulheres, é a moda. Não apenas a vestimenta, mas a moda como um comportamento tem grande, talvez a maior, influência na questão de divisão de gêneros, pois é quem estrutura a aparência de cada sujeito. Lipovetsky (2009) comenta que a moda se fundamenta como instituição de uma realidade sócio-histórica característica de certo espaço geográfico e da própria modernidade. É possível afirmar que por isso a moda esteve presente na vida do ser humano desde sempre, apenas não se define desta forma até certo período porque nos primeiros registros de vida ainda é entendida como forma de distinção social. Hollander (1996) afirma que as mudanças sociais e políticas afetam o vestuário, podendo até dizer que “mudanças no vestuário são mudanças sociais” (HOLLANDER, 1996, p. 14), por conta desse reflexo que a vestimenta sofre das transformações sociais.

Moda e indumentária podem ser entendidas como um “instrumental no processo de socialização em direção aos papéis sexuais e de gênero” (BARNARD, 2003, p. 167), porque são meios pelo qual a sociedade pode dar forma às visões de masculino e feminino. Dessa forma, é possível perceber que moda e indumentária não refletem uma identidade de sexo e gênero que já existe, mas sim que são parte do método pelo qual os atos e representações de homens e mulheres são igualmente reproduzidos e criados.

Hollander (1996) descreve que ao longo da história da moda é possível observar o avanço do vestuário masculino comparado ao feminino, em que a vestimenta masculina passa a ditar o padrão, aquilo que é certo e o que é errado, criando proposições estéticas das quais a vestimenta feminina deve se adequar. Desde a Idade Média, o vestuário masculino é considerado formalmente mais interessante, menos conservador e inovador, como no caso dos ternos. Na moda moderna, as roupas são de grande contribuição para a representação de cada sujeito, no qual se veste da maneira que gostaria que o mundo o visse. Quando criança, o sujeito é ensinado que a roupa é uma das formas de se representar, criando a ideia de que a vestimenta dá uma identidade privada e, por isso, definem ideias interiores sobre o próprio corpo que trazem associadas ideias sobre sua sexualidade. No processo contínuo que essa definição carrega, as roupas que um indivíduo usa em

público torna-se um reflexo da visão binária do mundo. “A excitação popular atual com o transexualismo no vestir mostra apenas quão profundamente acreditamos ainda em separar simbolicamente as roupas dos homens e das mulheres, mesmo que em muitas ocasiões ambos se vistam da mesma forma” (HOLLANDER, 1996, p. 17).

Ainda no século XVIII, a anatomia não era devidamente estruturada, por isso a mulher era vista como um homem invertido. Até início do século XIX eram os ovários que marcavam a diferença sexual, mesmo que até então não possuíssem um nome específico. O modelo de perfeição humana dessa época era representado pela anatomia masculina, onde a genitália era responsável por distinguir a superioridade do homem e a inferioridade da mulher, a qual era vista como um sujeito menos evoluído na escala de perfeição. Mais à frente, a desigualdade sexual anatômica é usada como justificativa para distinção social, política e cultural entre homens e mulheres, tornando o que era efeito em causa. A diferença entre os sexos se torna a origem da diferença entre os gêneros masculino e feminino (HOLLANDER, 1996).

Barnard (2003) contribui dizendo que por mais que a vestimenta masculina e feminina possa ser similar ou diferente, as disposições de uma são sempre realizadas em relação a outra. Se analisado em conjunto, o vestuário masculino e feminino apresenta como a sociedade deseja que a relação entre homem e mulher seja, além de estipular o que cada gênero deve ou não fazer com a moda ou comportamento em determinados momentos. Assim, cria-se o pensamento de que se não definir a vestimenta masculina, não seria possível identificar a vestimenta feminina, da mesma forma o contrário, e isso seria errado, afinal existem normas para cada gênero.

Já na era Neoclássica, Hollander (1996) descreve que os ternos feitos sob medida encerram toda aprovação em relação as peças extravagantes da época para os homens que se consideravam sérios e respeitosos. As formas mais retas e fortes da época eram percebidas como naturalmente masculinas, trazendo termos como “musculoso” e “viril” que eram predominantes na questão estética. Era de opinião geral que as mulheres seguissem ideais antigos em sua vestimenta, como o hábito de se enfeitar, que já foi comum entre homens e mulheres, porém passou a ser privilégio feminino. Pode-se dizer que mesmo com o dever de se enfeitar, o apoio das mulheres a uma exibição variada é um dos motivos para que a forma em que se vestem seja mais conservadora do que a dos homens. Nessa época neoclássica, os homens são quem dão um impulso para o avanço da moda e não as mulheres.

Esse período acabou por coincidir com o início do movimento romântico, quando uma espécie de tensão entre os sexos era vista como necessidade criativa, podendo ser observado na forma em que os estilos diferentes para a vestimenta masculina e feminina deixa essa ideia explícita. No romantismo, o costume era vestir somente as mulheres com peças e ornamentos extravagantes e coloridos, enquanto que os homens ficavam com roupas mais discretas, sem adornos e de formas mais simples. É aqui que acontece uma grande divisão na história da moda, passando a possuir dois caminhos, diferentes e divididos, de que esses percursos apenas começam a se convergir novamente no período contemporâneo. Dessa forma, a divisão entre o vestuário masculino e feminino se torna volúvel, sempre sofrendo alterações, porém continuamente divisora (HOLLANDER, 1996).

Além disso, Silva (2006) comenta que, como no século XVIII a anatomia não era devidamente estruturada e por isso a mulher era vista como um homem invertido, o modelo de perfeição humana dessa época era representado pela anatomia masculina, onde a genitália era responsável por distinguir a superioridade do homem e a inferioridade da mulher, a qual era vista como um sujeito menos evoluído na escala de perfeição. Mais à frente, a desigualdade sexual anatômica é usada como justificativa para distinção social, política e cultural entre homens e mulheres, tornando o que era efeito em causa. A diferença entre os sexos se torna a origem da diferença entre os gêneros masculino e feminino.

Hollander (1996) sugere que ao atentar-se a história do vestuário em meados de 1800 e no que decorre em diante, observa-se que a vestimenta feminina se estrutura de maneira fortemente visual, quase que teatral, porém, o que vai determinar o padrão das roupas é a indumentária masculina. Desde esse período, os avanços do vestuário feminino consistiam em, principalmente, tentar se aproximar do ideal masculino ajustando-os para que se tornassem mais adequados a estruturas femininas. As roupas masculinas determinadas para uma atividade em específico mostra a divisão social estrita, onde a mulher não possuía o direito de exercer essas mesmas atividades. “As roupas de trabalho, as jaquetas dos lenhadores e os jeans dos vaqueiros também eram parte do esquema geral, desenvolvendo-se simultaneamente no início do século XIX” podem ser vistas como exemplos (HOLLANDER, 1996, p.19). Essa forma de estruturar as roupas consiste em

um involucre completo para o corpo, que não obstante é feito de partes separadas, dispostas em camadas e descartáveis. Os braços, as pernas e o tronco são visivelmente indicados mas não firmemente unidos, de modo que os movimentos amplos do tronco u nos colchetes, e as reentrâncias e saliências da superfície do corpo são harmoniosamente encobertas, e nunca enfaticamente modeladas. Os elementos separados da roupa recobrem um ou outro em vez de estarem vinculados; deste modo, uma grande mobilidade física torna-se possível sem que haja lacunas inconvenientes na composição. Desta maneira, a roupa toda pode ajustar-se naturalmente quando o corpo para de movimentar-se, e sua forma é reassumida sem esforço após um arremesso rápido ou um esforço repentino. Mas uma posição descontraída, languida, fará com que a indumentária transforme seu ajuste mais fácil em dobras casuais atraentes que formam um conjunto fluido gracioso para o corpo relaxado, e que também obedientemente reassumem uma forma suave se a pessoa que está vestindo levantar-se rapidamente e ficar ereta. (HOLLANDER, 1996, p. 20).

Dentro desse cenário, observa-se que a roupa é, ao mesmo tempo que formal, informal. Adaptando-se para todo tipo de situação, adornos são integrados a base da vestimenta quando necessários. Dessa forma, o vestuário já pronto consistia em um conjunto harmônico de design independente, do qual era fácil de manusear. Além disso, a roupa pode ser entendida como um reflexo dos princípios estéticos modernos criados a partir das pretensões neoclássicas no fim do século XVIII, propondo um ideal de ordem autoperpetuo, flexível e quase que infinitamente variável, da mesma forma que os impulsos democráticos modernos da época.

Silva (2006) descreve que, por conta do medo de ser associado a mulher, o homem vitoriano do século XIX se tornaria mais intenso do que nunca na busca e confirmação de masculinidade em todos os aspectos, desde físicos até psicológicos, para evidenciar traços representativos masculinos. Se antes a mulher era vista como o homem invertido, agora é vista como o inverso do homem, passando o título para os homossexuais e estabelecendo assim o princípio de decadência masculina. A definição de homem era não ser mulher e de maneira alguma ser homossexual e, de certa forma, estende-se até hoje. Portanto, como forma de confirmação da virilidade, “passou-se a valorizar desde o vigor físico, a destreza, a coragem, a capacidade de raciocínio, até os modos de se vestir, andar, falar, a capacidade de conquistar mulheres” (SILVA, 2006, n.p.). Os exemplos de modelos de ideal masculino eram representados através da arte vitoriana, retratados na pintura, escultura e literatura da época, em que eram discutidos nos círculos de amigos quem seria o mais semelhante a esse ideal de virilidade.

Em contrapartida, depois de 1800 a moda feminina se torna gradativamente mais diferente, porém de modo algum poderia ser considerada moderna. Hollander

(1996) comenta que o exagero do exibicionismo é predominante, que vai encerrar o pensamento antigo de elegância para ambos os gêneros e para pessoas que se consideravam com honra em quase todas classes sociais. A moda se conceituava em, basicamente, “penteados elaborados, calçados desconfortáveis, cosméticos, adornos e acessórios externos, aperto e alongamento” (HOLLANDER, 1996, p.20). Dessa forma, o vestuário feminino, entre os séculos XIX e XX, passaram por mudanças mínimas que não alteraram em nada sua essência. A vestimenta feminina manteve seu propósito de representar através de aplicações corporais impostas pela própria consciência sacrifícios, ambições espirituais e projeções imaginativas que, dessa forma, diferenciavam um indivíduo adulto das crianças e dos animais, as quais poderiam muitas das vezes incluir desfiguramento e distorção.

A autora continua dizendo que a vestimenta feminina permanece igual até que se decida imitar o vestuário masculino. Mulheres consideradas modernas para a época alteram suas roupas para algo parecido com o que os homens haviam feito no século passado, aderindo a ideia de peças que se ajustavam ao corpo de forma folgada, onde a imagem do corpo era sugerida ao mesmo tempo que coberto, permitindo o movimento conjunto da vestimenta e do corpo. O vestuário feminino dos anos 1920 e 1930, apesar de alcançar o ideal moderno, mantiveram a separação de gêneros tradicional. Ainda era uma espécie de objetivo que a roupa feminina incentivasse a elegância, em que também deveria passar a ideia de contar uma história que promovesse a curiosidade. Dessa forma, observa-se que o vestuário masculino já estava modernizado e por isso não havia o que absorver da vestimenta feminina. Há muito tempo que os homens haviam expandido suas limitações em questão de cabelos extremamente encaracolados, ornamentações elaboradas e sapatos problemáticos. A moda masculina se modificava continuamente conforme o conceito neoclássico de peças feitas sob medida, fazendo com que o traje masculino escondesse todo e qualquer desconforto que por um acaso a vestimenta pudesse causar ao sujeito. (HOLLANDER, 1996).

Depois da Segunda Guerra Mundial, Hollander (1996) afirma que o poder da moda foi finalmente reconhecido. É somente aqui que a ideia de “tirania” torna-se associada a vestimenta feminina. O período de pós-guerra traz de maneira intensa a diferença sexual, acreditava-se que transmitir fantasias sexuais era exclusivamente característica do vestuário feminino. Houve um retrocesso na moda das décadas passadas, caracterizado pelo desejo das mulheres em possuir os

mesmos privilégios concedidos a elas nas antigas fantasias românticas. Enquanto isso, a moda masculina torna-se cada vez mais sóbria e rígida. O vestuário feminino crescia em promover uma visão erotizada das mulheres, as condenando em um mundo de submissão erótica e narcisismo implícitos em uma modéstia que podia ser vista no ato de prender o cabelo para que possa ser solto depois, ou a cintura marcada esperando pela liberação através das mãos de um homem, ou ainda barras de saias que guardam um tesouro.

Porém, a indústria da moda padronizava de modo excessivo os elementos da vestimenta elegante, conseqüentemente os consumidores passam a se sentirem frustrados com a nova versão do estilo romântico. Todos os elementos elegantes aplicados a vestimenta, fizeram com que a mulher deixasse de se sentir honrada em vestir determinada peça e passasse a se sentir atacada, resultando até em hostilidades direcionadas a estilistas famosos, especialmente os masculinos. Dessa forma, a moda feminina perde toda sua fundamentação como meio estético que busca enaltecer os sentimentos e as qualidades das mulheres, para se tornar opressão (HOLLANDER, 1996).

Houve então mais uma reforma na moda, Hollander (1996) descreve que, dessa vez, a referência são as roupas industrializadas. Por conta do ressentimento, a moda dá origem a diversos movimentos, como o feminismo e, como reflexo a essas revoltas, tenta se justificar. Começa a pregar a ideia de que os gêneros já podem ser considerados oficialmente iguais, como nova forma de fugir da fantasia romântica, fazendo com que parecessem similares, se não iguais, porém sempre tendo como base o modelo superior masculino. O jeans masculino é o que vem como elemento principal para enfrentar essa situação de ressentimento, utilizado como forma de protesto tanto por homens como por mulheres. Já na década de 1970 as pessoas novamente vão utilizar da vestimenta como forma de protesto as rotulações do próprio vestuário. Assim, pode-se observar que no início do século XX as definições sexuais são firmemente mantidas, mesmo que a vestimenta feminina se inspirasse na masculina, para que, do meio em diante essas definições fossem questionadas.

Assim como tudo que se aprende e ensina, Silva (2006) sugere que a dominação masculina pode ser alterada. Se no século XVIII o homem digno não teria problemas em chorar em público e ter suas inseguranças, no final do século XIX, ele não pode mais, caso contrário comprometeria sua dignidade masculina. Os ideais masculinos se estendem, mesmo que em menor força e indiretamente, até os dias

atuais, e mantém poder sobre as mulheres de maneira expressiva até início da década de 1960. Com o início do movimento feminista, associado aos estudos de gêneros, nasce a crítica sobre as estruturas de poder mantidas até então. Hollander (1996) completa dizendo que em resposta a grande diferença entre os gêneros na vestimenta durante os dois últimos séculos modernos, o conceito de moda passa por uma diminuição limitadora e severa. Entender o homem como dono de poder que deve se vestir de maneira sóbria e simples e entender a mulher como a que se fantasia para chamar a atenção alheia, o ato de se vestir torna-se, finalmente, moda. Uma das grandes indústrias criadas inicialmente para mulheres consumidoras, a moda deixa de ser algo no qual todos os gêneros pudessem se mostrar interessados.

A autora continua, dizendo que por muitos anos a vestimenta masculina claramente não fazia parte diretamente da moda, entendido apenas como uma categoria dentro da moda em si, ainda é muito recente o grande interesse em incluir o masculino no mundo que antes era considerado só feminino. O esforço em tornar a moda masculina mais atrativa cresce consideravelmente ao longo dos anos, principalmente pelas mudanças na sociedade, mesmo assim ainda existe um caminho a ser seguido. Mesmo com todas as conquistas da humanidade referentes a igualdade dos gêneros, a vestimenta é um dos meios que mais diferem homens e mulheres.

Segundo Hollander (1996), o vestuário masculino ainda se fundamenta basicamente por peças que representem o padrão de masculinidade, mesmo que já exista uma grande fusão de elementos femininos e masculinos em estampas e cores. Porém, a roupa em si ainda é limitadora validada pelos homens, mas também pelas mulheres. Ainda se espera da vestimenta masculina, ou de como o homem deve se vestir e se portar diante da sociedade a constante confirmação de virilidade, mesmo com a lenta quebra de tabus. Fazer uso de calça e bermudas é considerado normal, mas a partir do momento em que essas peças são mais apertadas ou menores do que a sociedade está acostumada a ver, já não é bem visto publicamente. Reforçando a ideia de que o homem adota a dominação masculina apenas quando necessário, se levar em consideração esse caso, fazer uso de shorts que terminam no meio das coxas longe dos olhos alheios é aceitável. Qualquer exagero ou limite que o vestuário masculino ultrapasse, a ponto de ser comparado ao feminino ainda é condenado.

Em contrapartida, as pessoas ainda precisam sair diante a sociedade para realizar seus afazeres e o que vestem assume formas diferentes desde muito antes. Moda agora pode ser vista como uma condição moderna geral, que se manifesta de

várias maneiras e a maior parte da moda no sentido do vestir é adotada como o desejo consciente de não demonstrar estar de acordo com a moda, mas parecer estar corretamente vestido.

6 DESCONSTRUINDO O PADRÃO MASCULINO

É notório que o homem possui uma maior dificuldade em explorar o universo feminino, do que a mulher em explorar o masculino, pois vivenciar experiências dentro da visão feminina não é fácil de acordo com Almeida e Wajnman (2005). Se olhar pela ótica do chamado projeto de modernidade, é possível reconhecer o esquema que associa razão, utilidade e domínio. Resultando no sujeito burguês, esse indivíduo cria identidades de gênero bem definidas, das quais o homem é conquistador, pertencente a esfera pública, e a mulher cuida da casa, pertencente a esfera privada. Por volta do século XIX a modernidade passa por transformações em consequência de suas próprias regras da mesma forma que a racionalidade também passa, onde a noção e a consciência de matéria são questionadas.

Os autores continuam, apontando que a ciência e algumas ideologias também são questionadas já no século XX, por conta do movimento feminista, a ideia de possuir um modelo de masculino se torna absurda, pois “o sentido totalizador do mundo é algo superado, é algo não vigente e condizente com as vivências das pessoas” (ALMEIDA; WAJNMAN, 2005). Dessa forma, o mundo vive atualmente uma existência em plural, do sujeito multiplicado que vaga, enquanto manipula noções de identidades. A busca por singularidade do sujeito é reflexo do mundo pluralizado em que vive, pois as pessoas anseiam pela diferenciação e desse modo o individualismo cria definições distintas dos gêneros. Portanto, o conceito de definição de homens e mulheres está fadado a ser de certa forma atualizado pelo que a sociedade considera como adequado para então ser confirmado de uma nova maneira.

Silva (2006) esclarece que as disposições de cada sujeito são consequência direta do uso de linguagem. As ações para com o próximo dependem da maneira em que se aprende a ser sujeito, da forma em que se aprende relatar a si mesmo e o outro. Quando a sociedade estipula uma norma ela traz consigo um pensamento de que tudo aquilo fora do molde não é normal. Em outros termos, tudo aquilo que é diferente do que determinam não é aceitável e, por isso, passa a exigir dos que não se encaixam em características comuns pela maioria que se reestruem de acordo com o molde. O sistema impõe suas normas aos dois termos da relação de dominação e, dessa forma, aos dominantes, que tendem a se beneficiar. Tudo porque os dominantes não devem jamais deixar de aplicar ao próprio corpo e comportamento, os esquemas do inconsciente, estes que abrangem exigências absurdas.

Dessa forma, Bourdieu (2002) comenta que quando um sujeito ou grupo passa a confrontar ou se opor a maioria, além de ser exigido que se reestruture conforme o restante estabelecido como comum, eles são excluídos e inferiorizados por uma ilusão de superioridade onde o que está fora do eixo é encarado como ruim. Associado a isso, existem as ações de intolerância e a agressividade que alguns usam contra aqueles que são vistos como estranhos e diferentes, para que se comprove a inferioridade alheia. Uma particularidade em qualquer aspecto torna-se motivo para discriminação. Essa ilusão de superioridade que paira sobre os considerados normais, faz com que os diferentes sejam vistos sempre como minoria, por conta de sua inferioridade, mesmo que em quantidade, seja maior que o dito padrão normal heteronormativo. Como no caso das mulheres, que mesmo existindo em maior quantidade, são entendidas como submissas aos homens.

O autor afirma que não se pode afirmar que o sujeito representa o próprio corpo através da imagem que pretende passar de si, associado a um certo comportamento que possui como reflexo de seus efeitos sociais e que se estrutura, principalmente, através da representação do corpo, resultado das experiências vividas com os outros. Pois, toda a estrutura social permanece presente nessa interação, como maneiras de percepção e apreciação fixados nos corpos dos sujeitos em interação. Estes esquemas de percepção e apreciação, em que um determinado grupo estabelece suas estruturas essenciais, se dispõem desde o princípio entre cada sujeito e seu corpo. As reações e representações em que seu corpo acarreta nos demais sujeitos e a própria percepção dessas reações são construídas através de reações criadas a partir do contraste de certas características, como grande ou pequeno e masculino ou feminino. Pode-se afirmar, então, que o corpo reconhecido é determinado socialmente duas vezes.

Por um lado, Bourdieu (2002) sugere que se define como aquilo que há de mais natural, como o peso por exemplo, entendido como um produto social, dependente das condições sociais em que cria experiências, através de diversos meios, como as condições de trabalho e os hábitos alimentares. Dentro da representação corporal, encontra-se a conformação do físico, como forma de aparência em si, e a forma em que ele se comporta, como a postura, seguindo a hipótese da ligação entre o moral e o físico criado a partir do conhecimento racionalizado que associa as propriedades morais aos traços fisionômicos, no caso, um corpo musculoso e alto seria percebido como sinal de virilidade e masculinidade.

Porém essa linguagem do natural, que acredita-se se manifestar de forma oculta, é na verdade uma linguagem de identidade social, que assim é naturalizada sob determinada característica e por isso dita como natural.

Já pelo outro lado, o autor descreve que as propriedades corporais são detidas por meio de esquemas de percepção, estes que nos atos de avaliação se encontram dependentes da posição social. As ciências que classificam os seres tendem criar oposições nas propriedades mais recorrentes entre os dominantes e os dominados, os hierarquizando, como grande e pequeno ou leve e pesado. A representação social do corpo se define por meio da aplicação de classificação social que tem origem no que é idêntico ao dos corpos em que se executa. Isso torna o olhar uma espécie de poder simbólico, em que a eficiência é dependente da posição relativa do sujeito que percebe e do sujeito que é percebido, e ainda do nível em que os esquemas de percepção são colocados em prática são reconhecidos e conhecidos por aqueles em que se aplicam.

Connell e Messerschmidt (2013) argumentam que modelo de homem ideal é representado e apresentado sobretudo pela mídia. O padrão de masculinidade contribuiu para dar sentido a diversidade e, ao mesmo tempo, a seletividade das imagens na mídia, que começa a definir diferentes representações de masculinidades. Esportes comerciais, principalmente, são o foco das representações midiáticas de masculinidade, onde é implantado essa ideia de visão de mundo andocêntrica nos esportes de contato e confronto por conta de sua popularidade, que funcionam como uma forma de comprovação de virilidade e na compreensão da agressividade e homofobia presentes nesses meios esportivos de maneira frequente. Além de ser relatado através de personagens fictícios, figuras públicas também são utilizadas como modelos a quem os demais devem se espelhar.

Por isso, como Silva (2006) aponta, a imagem do que essas pessoas representam deve estar sempre de acordo com o que é bem visto pela sociedade. Dar prioridade a determinado modelo de identidade masculina torna todo e qualquer homem que se identifique fora desse modelo como duplamente vítima, ou pelo sentimento de insuficiência por não conseguir alcançar aquilo que é almejado, modelo este que é introduzido pela mídia e pela cultura da imagem e sociedade de consumo, ou por não se sentir digno por causa dessa mesma sociedade que estabelece modelos de identidade. Dessa forma, ainda que o peso do papel social de uma celebridade tenha influência na crítica alheia, da mesma forma que qualquer outro indivíduo,

pessoas famosas também passam por julgamento social, este que pode ser agradável ou não. Porém, a facilidade que têm de serem aceitos se torna consideravelmente maior em comparação a um indivíduo comum. Harry Styles mesmo sendo uma figura pública não deixou de passar pelo julgamento social quando resolveu se representar da forma que sempre quis.

Mesmo que ainda nos anos de banda Harry tivesse uma espécie de liberdade limitada para se performar da forma que gostaria, foi apenas em 2017 que ele utilizou o início de sua carreira solo para se reinventar diante o mundo. Agora livre das proibições existentes enquanto participava da banda, o cantor passou a inserir sua identidade um tanto quanto feminina aos poucos para que essa aprovação social fosse realizada. Desde muito antes, Harry já mostrava interesse em artigos femininos, porém fazia uso de determinadas peças moderadamente. A partir desse período de transformação, o cantor passou a ser conhecido pelo estilo diferente e com isso as críticas surgiram. Ainda no princípio, a maioria das críticas poderiam ser consideradas negativas, principalmente por Harry se encaixar fora do padrão que a sociedade estava acostumada a ver. Porém, depois de introduzir lentamente seus traços femininos a facilidade com que foi aceito é evidente. Em poucos anos, ele deixa de ser um exemplo do que não se deve fazer e passa a ser um exemplo do que também se pode fazer.

Segundo Nolasco (1993), uma mudança no comportamento masculino, como a de Harry, pode ser feita apenas se existir uma “autorização social”, em que os homens passam a compartilhar de atividades até então propostas as mulheres, onde, se voltar um pouco ao passado, seriam extremamente criticados e rotulados. Deste modo, se for reconhecido e valorizado socialmente, os homens entram em um ciclo de situações e sensações até então interditadas para eles. Almeida e Wajnman (2005) contribuem para esse pensamento dizendo que no mundo contemporâneo, o homem passa por uma trajetória difícil ao explorar de atividades femininas sem que deixe de se entender como homem. Pois acima da mudança visual, o interior é que mais se afeta. Em consequência, Silva (2006) comenta que surge o que pode ser chamado de conflito identitário. Acontece quando a pessoa passa a ter contradições ou incompatibilidade a um sistema, dessa forma não alcançando as exigências de norma identificatória e assim passa a ter sua identidade interpretada como fora do normal. A maneira em que se lida com a identidade é o que tem maior influência para que se encontre características singulares, criadas e transformadas a partir de experiências

históricas, sem que se defina tudo aquilo que se estabelece como fora do padrão como errado, evitando que a diferença se torne princípio de sofrimento identitário.

Almeida e Wajzman (2005) continuam dizendo que a partir da virada da década de 1990, o homem ganha mais liberdade para sua constituição visual e, dessa forma, compreende a baixa relevância de seguir à risca o padrão de masculinidade, causando a própria transformação desse modelo de masculino.

O modelo de masculinidade para o novo homem estaria baseado na capacidade e possibilidade desse homem demonstrar seus sentimentos, de poder amar e se emocionar publicamente sem constrangimento, além de sensibilidade ao invés de agressividade, junto à capacidade de executar tarefas domésticas, maior participação na educação dos filhos, exercício de profissões antes consideradas femininas, admitindo inclusive ganhar menos do que sua companheira. No campo da sexualidade, a possibilidade de falhas no intercuro sexual seria compreensível, e, ao invés de dominador, o homem já admitia ser dominado, ao invés de ativo, ser passivo. Identidades sexuais alternativas, como a homossexual, a bissexual e a transexual, fariam parte das subjetividades masculinas contemporâneas. Finalmente, o machismo estaria deposto e as relações entre homens e mulheres tenderiam a melhorar. (SILVA, 2006, n.p.)

Para lidar com o princípio da introdução do novo homem na sociedade, Silva (2006) aponta que foi criado o termo “metrossexual”, que se caracteriza pelo fato de poderem exercer algumas atitudes que até então eram entendidas como pertencentes apenas das mulheres, sem que seja necessário arriscar sua preferência sexual e sua identidade. Tentar reformular o sujeito macho a partir do gênero e da identidade sexual não abrange grande parte das singularidades dos homens, afinal, não são todos que se identificam e buscam o modelo tradicional e nem o modelo contemporâneo. O que levanta a questão de que se existe uma variação grande de identidades, entende-se com isso que a definição do sujeito não se resume ao gênero essencialmente. Resultando em predicados femininos para redefinir o modelo de homem ideal contemporâneo ou na necessidade de uma definição nova de si mesmo durante as últimas décadas, o fato de que para ser homem é preciso se adaptar a novos modelos de masculinidades criados, é uma nova forma de alienação.

O autor continua descrevendo que o essencial do sujeito passa a ser escondido por sua identidade sexual e isso se torna sua definição de identidade. O sujeito pode ser definido como efeito de linguagem, dessa forma falar sobre o sujeito não necessita de referente algum exceto pelas palavras que o definem, tornando possível evitar com muito mais facilidade que teorias se transformem em fetiches e que os sujeitos sejam reestruturados em identidades socialmente construídas.

Compreende-se, então, que reconstruir uma nova identidade masculina não é o que vai mudar o pensamento ocidental contemporâneo da definição de ser homem. É necessário a desconstrução desse modelo estipulado de masculino, viril e machista, para que seja possível reconhecer o outro como “normal” mesmo que este esteja fora do padrão.

Visto por esse ângulo, Silva (2006) afirma que nenhum processo racional pode confirmar a permanência de uma constante identidade do sujeito, da linguagem e do mundo. Existem probabilidades e não necessidades. É sem fundamento buscar a identidade do sujeito no que é constante, afinal, nenhuma das crenças tem sua origem de sentido anterior à ação humana. A história mostra constantemente que inúmeros pensamentos ou ideais não perduram por muito tempo ou pelo menos perdem a razão, ou ainda se reestruturam e se convertem em pensamentos e ideais de determinados grupos. Por mais que certas visões de mundo e sujeito sejam retratadas como universais, isso somente quer dizer que certas formas de vida são tão comuns e familiares que pensar de maneira diferente se torna estranho e, as vezes, é entendido como errado. Aquilo que é universal muda quando as formas de vida mudam, resultando em uma tradição ética que se herda, mas que pode ser transformada ou abandonada por outra tradição.

O homem tradicional, aquele rígido e viril, dá espaço ao novo homem. Este último se define por, justamente, não ter uma designação específica por conta de viver em um mundo onde a divisão dos gêneros perdeu a força. Atualmente, é possível observar a variedade de opções de comportamentos em que o homem não possui mais o dever de seguir as normas da dominação masculina à risca. Conforme as mulheres buscam seus direitos na sociedade, os homens repensam o conceito de sua representação pois encontram dificuldade em se representar em uma sociedade gradativamente igualitária e estão começando a entender que aquela necessidade que tinham em produzir uma imagem de si mesmos que corresponda a um ideal que eles não conseguem atingir, na verdade não é tão necessária assim. Deixaram de ver o questionamento ao padrão de masculino como uma fatalidade e passaram a ver como uma oportunidade de se reinventar, como aconteceu com Harry Styles em sua carreira solo, como apresentado na figura 7, abaixo. É necessário que o homem passe pela experiência de ser minoria para compreender o outro lado, auxiliando na desconstrução masculina.

Figura 7 - Padrão de masculinidade desconstruído



Fonte: Vogue⁷

O que caracteriza a desconstrução do padrão masculino é principalmente a liberdade de fazer uso de elementos do mundo feminino. Alguns homens ainda são criticados pelo comportamento diferente, afinal a quebra do conceito de homem ideal ainda está em processo construtivo. Porém, algumas mudanças já podem ser percebidas. Voltando ao início da formação de identidade de gêneros, nota-se como o dever de seguir a continuidade do gênero perdeu a força. Ser homem, não significa necessariamente ser masculino, assim como ser mulher não significa ser feminina. Deve-se atentar ao fato de que ser masculino não quer dizer ser um sujeito opressor, que está relacionado a hormônios e com o dever de se afastar de tudo que remeta ao feminino para então voltar para protegê-lo. O que deve ser considerado é que esse padrão de masculinidade não tem motivos de ser seguido de forma obrigatória. A opressão que este padrão causa é a verdadeira questão. Se definir como homem ou mulher, masculino ou feminino, não deve ser rotulador ao extremo a ponto de tirar a essência do sujeito de modo que ele se torne um corpo em função a essa

⁷ Disponível em: < <https://www.vogue.co.uk/gallery/harry-styles-style-evolution>>. Acesso em: 06 jun. 2019.

classificação.

Um homem com liberdade para explorar elementos do universo feminino não é uma nova espécie de masculinidade, é a quebra do padrão da masculinidade já existente, pois rotular um novo conceito de masculino, seria novamente limitar sujeitos que buscam por liberdade. Com a flexibilidade existente na vida contemporânea, as identidades de gênero podem ser vistas como mais flexíveis e não se encaixando em classificações que limitem aquilo que se busca expandir. Portanto, as características das identidades de gênero deixam de ser tão diferenciadoras, tornando suas rotulações em normas banais. Pode-se então afirmar que, atualmente, o homem tem maior liberdade de buscar se reestruturar graças a luta feminista e as novas tecnologias que surgem e mudam o cotidiano. O homem passa ter mais possibilidades de vivenciar sua masculinidade, sem que haja uma pressão para ser, ou pelo menos parecer, o macho que até então deveria ser seguido.

A vestimenta, como forma de representação de identidade do sujeito, contribui para diferenciar o comportamento do que pode ser entendido como novo conceito de masculinidade. Na contemporaneidade, o homem com maior liberdade para se representar livremente faz uso de um vestuário não binário. O que antes era dividido entre roupas de homens ou de mulheres, passa a ser apenas roupas. Tais como as peças ilustradas na figura 8, abaixo, utilizadas por Harry Styles no evento Met Gala do ano de 2019 que possuía como tema a extravagância. Inclusive por, desde o início de sua carreira solo, fazer o uso do vestuário gradativamente extravagante e feminino, o cantor foi convidado como um dos padrinhos do evento. Desse modo, observa-se a forma mais pura de desconstrução de masculinidade, onde a vestimenta brinca entre masculino e feminino, sem perder a essência do cantor, utilizando de adereços como unhas pintadas, brincos chamativos, calça de cintura alta, salto alto, transparência em conjunto a babados e laços, mostrando a possibilidade de se definir homem sem que se siga o molde imposto pela sociedade.

Figura 8 – Representação de desconstrução de masculinidade



Fonte: Vogue⁸

Silva (2006) ainda comenta que criar uma nova identidade é buscar o encerramento de subjetividades em moldes sociais e culturais que muitas das vezes não condizem com as experiências históricas vividas pelo sujeito, frisando que todo e qualquer papel social se difere conforme suas experiências históricas, assim, o que hoje é descartado e visto como desqualificado, futuramente pode se tornar recomendado e encarado como ideal. Desse modo, a melhor maneira de repensar o conceito de masculinidade é simplesmente o próprio sujeito se reescrever de maneira que possa viver de forma mais satisfatória. Ter a consciência de que algumas mudanças devem ser feitas primeiramente no próprio pensamento para que depois ocorra externamente.

⁸ Disponível em: < <https://www.vogue.com/article/harry-styles-met-gala-2019-gucci>>. Acesso em: 09 jun. 2019.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tratar da temática de gênero atualmente pode parecer repetitivo, porém muitas questões ainda precisam ser discutidas. Se pensar em gêneros é pensar em uma classificação e em oposição, sobre um contexto histórico que mantêm homens e mulheres em um constante repensar sobre a maneira correta de agir, percebe-se que feminismo pode contribuir para essa discussão. Dessa forma, através dessa perspectiva feminista, a pesquisa torna possível observar o processo de formação de identidade de gênero, trazendo em foco o gênero masculino.

Assim como as mulheres, os homens também possuem delimitações vindas da sociedade, dessa forma se tornando expostos a um modelo de masculinidade que deve ser seguido. Esse modelo que consiste na representação do sujeito macho como extremamente viril está tão infiltrado no pensamento humano de modo que se considera ser o natural tudo aquilo que o obedece. No entanto, repensar o conceito de masculino é o enfoque central do presente trabalho. Mostrar como pode ser considerado um conceito arcaico manipulado pela sociedade, infiltrado de maneira tão profunda ao ponto de que interfere diretamente no cotidiano das pessoas, o padrão de masculinidade se torna um conceito limitador.

Na tentativa de traduzir o que o homem inscreve sobre o próprio corpo por conta das situações que enfrenta em seu dia a dia, a discussão sobre repensar a definição de homem vai além do meio acadêmico, ela pode ser vista no cotidiano em que os sujeitos vivem. E por isso, a pesquisa traz formas de compreender porque a importância de seguir esse padrão deve ser encerrada. Relacionando a moda e ao objeto de observação, Harry Styles, depois de analisar o padrão masculino, esse modelo ideal de homem finalmente é desconstruído para então descrever a falta de relevância nas definições de gênero.

Apesar das dificuldades em encontrar dados referentes a moda masculina que não tratassem a história de maneira binária, a moda pode ser considerada uma maneira de quebra de padrões. Atentar-se a definições de gêneros torna a roupa limitadora e de certa forma tira seu significado principal, este que se define por auxiliar na representação do sujeito da forma mais sincera. Dessa forma, assim como já ocorreu de ser usada como forma de protesto décadas atrás, novamente a moda tem a possibilidade de se revolucionar através de protestos contra uma sociedade rotuladora se homens e mulheres passarem a ver a vestimenta como forma de

liberdade de expressão.

Em busca de apresentar as experiências de vida do cantor Harry Styles, a autora teve certos comportamentos masculinos esclarecidos de maneira explícita depois da elaboração da presente pesquisa, esta que teria possibilidade de expansão se existisse mais tempo para formulação. Foi possível perceber como a sociedade ainda vê a mulher de maneira inferior, pois ensina os homens a se sentirem humilhados se comparados a elas, além de conhecer melhor a pressão imposta aos sujeitos para se representarem de acordo com um padrão criado há séculos. Toda a discussão contribuiu para entender que os homens podem alterar sua vestimenta, o modo em que se representam, a maneira em que agem, e repensar, acima de tudo, o padrão de masculinidade que foram ensinados a seguir. Conforme surgem avanços sobre os estudos dos homens, torna-se ainda mais possível o conhecimento profundo da identidade do gênero masculino. Colocar em debate a forma em que os gêneros são designados pela sociedade podem, inclusive, abrir novos questionamentos futuros sobre o tema além de ajudar compreender certas situações que os seres humanos enfrentam em seu cotidiano.

Assim, cria-se uma oportunidade de novas pesquisas como continuação ao tema, principalmente em relação a moda masculina como forma de quebra de padrões, talvez apresentar novos conceitos de vestuário criados futuramente ou ainda, se tratando de um tema mais histórico, apontar a evolução da vestimenta como contribuição para representação de gêneros, entre outras possíveis abordagens. Além disso, atentar-se a modificações na sociedade em geral, buscar perceber o princípio delas e como se manifestam em diferentes discursos e principalmente perceber a essência dessas modificações, qual seu objetivo e significado, é necessário para que mais mudanças, assim como a desconstrução do padrão de masculinidade, possam acontecer.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Adilson José de; WAJNMAN, Solange (Org.). **Moda, comunicação e cultura: um olhar acadêmico**. 2. ed. São Paulo: Arte e Ciência, 2005.

ANAIS DO III SIMPÓSIO GÊNERO E POLÍTICAS PÚBLICAS, 10., 2014, Londrina. **O movimento feminista: algumas considerações bibliográficas**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2014. 8 p. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/gpp/pages/arquivos/GT10_La%C3%ADs%20Paula%20Rodrigues%20de%20Oliveira%20e%20Latif%20Cassab.pdf>. Acesso em: 05 jul. 2019.

BARBOSA, Maria José Somerlate. Chorar, verbo transitivo. **Cadernos Pagu**, São Paulo, v. 11, n. 01, p.321-343, set. 1998. Disponível em: <file:///C:/Users/Acer/Downloads/cadpagu_1998_11_18_BARBOSA.pdf>. Acesso em: 08 maio 2019.

BARNARD, M. **Moda e Comunicação**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BRAVO, Juliana. Do "eu" ao "outro": a estilização do corpo queer. **Periódicus: revista de estudos interdisciplinares em gêneros e sexualidades**, Salvador, v. 1, n. 3, p.104-130, maio 2015. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/14258/9860>>. Acesso em: 05 jun. 2019.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 01, p.241-282, abr. 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/viewFile/S0104-026X2013000100014/24650>>. Acesso em: 07 jun. 2019.

DE Tarzan a Homer Simpson: banalização e violência masculina | Socrates Nolasco. [s.i.]: Café Filosófico Cpf, 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DcSbZ88P8m8>>. Acesso em: 08 maio 2019.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HENDERSON, Scott. **Growing Payne: How Liam Payne Went From Tortured Boyband Member To Man On A Mission: The former One Directioner opens up about fitness, addiction and fatherhood**. 2019. Disponível em: <<https://www.menshealth.com.au/liam-payne-july-2019-mens-health-cover>>. Acesso em: 28 maio. 2019.

HOLLANDER, Anna. **O sexo e as roupas: a revolução do traje moderno**. Rio de

Janeiro: Rocco, 1996.

I-D MAGAZINE. **Timotheé chalamet in conversation with harry styles**: the hottest actor on the planet interviewed by music's most charismatic popstar. 2018. Disponível em: <https://i-d.vice.com/en_uk/article/evwwma/harry-styles-interviews-timothee-chalamet-photos>. Acesso em: 05 jun. 2019.

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero**: a moda e seu destino nas sociedades modernas. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009.

MALIK, Zayn. **Zayn**. São Paulo: Paralela, 2016.

NOLASCO, Sócrates. **O Mito da Maculidade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

PIKE, Naomi. **Harris Reed Is Still A Student, But Harry Styles Is Already Wearing His Designs**. 2018. Disponível em: <<https://www.vogue.co.uk/article/harris-reed-harry-styles-fashion-designer>>. Acesso em: 29 abr. 2019.

PINTO, Joana Plaza. Conexões teóricas entre performatividade, corpo e identidade. **D.e.l.t.a**: documentação e estudos em linguística teórica e aplicada, São Paulo, v. 23, n. 01, p.01-26, set. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/delta/v23n1/a01v23n1>>. Acesso em: 14 abr. 2019.

SHERMAN, Maria. **The meaning behind Harry Styles' solo album artwork**. 2017. Disponível em: <<https://www.billboard.com/articles/columns/pop/7760476/harry-styles-solo-album-artwork-analysis>>. Acesso em: 29 abr. 2019.

SILVA, Sergio Gomes da. A crise da masculinidade: uma crítica à identidade de gênero e à literatura masculinista. **Psicologia**: ciência e profissão, Rio de Janeiro, v. 26, n. 01, n.p., mar. 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932006000100011>. Acesso em: 07 jun. 2019.

STYLES, Harry et al. **Who we are**: our official autobiography. São Paulo: Paralela, 2014.

THOMPSON, Eliza. **A Definitive Timeline of Everything One Direction's Done Since the Hiatus**: Five solo careers are a lot harder to keep track of than one band. 2017. Disponível em: <<https://www.cosmopolitan.com/entertainment/music/a13439132/one-direction-after-hiatus-timeline/>>. Acesso em: 29 abr. 2019.

WOTTON, Dan. **Chart-topper Harry Styles on how his new album was 'therapy', One Direction's future and his sexuality**: In a special edition of Bizarre, the 1D superstar tells all from his critically acclaimed new album to his dating life, and talks Mick Jagger, Simon Cowell and Adele. 2017. Disponível em: <<https://www.thesun.co.uk/tvandshowbiz/3560582/harry-styles-new-album-therapy-flame-tess-ward-dan-wootton-exclusive/>>. Acesso em: 27 maio. 2019.